

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

FRANCISCO PRIM

ECUMENISMO ANTROPOLÓGICO

Goiânia
Junho de 2001

P952e Prim, Francisco
Ecumenismo antropológico / Francisco
Prim. – Goiânia, 2001.
170 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade
Católica de Goiás, 2001

1. Ecumenismo – Igreja Católica 2.
Ecumenismo antropológico 3. Ecumenismo
Cristão I. Título

CDU: 261.8
262.5

ECUMENISMO ANTROPOLÓGICO

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOÁIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

FRANCISCO PRIM

ECUMENISMO ANTROPOLÓGICO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em
Ciências da Religião como requisito para obtenção
do Grau de Mestre.

ORIENTADORA
Prof^a. Dr^a. Laura Chaer

Goiânia
Junho de 2001

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: FRANCISCO PRIM

Título: ECUMENISMO ANTROPOLÓGICO

Data de defesa: 27 de Junho de 2001.

BANCA EXAMINADORA

AVALIAÇÃO

Prof^a. Dr^a. Laura Chaer
Presidente

Nota ou Grau

Prof^a. Dr^a. Zilda Fernandes Ribeiro
Membro

Nota ou Grau

Prof. Dr. Jordino Assis dos Santos Marques
Membro

Nota ou Grau

Goiânia
Junho de 2001

Dedicatória

Com carinho e respeito dedico esta dissertação às pessoas de grande importância em minha vida:

Maria Cebolt Goedert (minha avó materna – *in memoriam*),
Laura Goedert Prim e Nicolau Prim (meus pais),
Dom Antônio Ribeiro de Oliveira (Arcebispo de Goiânia).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que, em minha vida, são sinal de presença viva de Deus. E de modo especial, agradeço:

A todos os meus irmãos e irmãs, que me respeitam e me apóiam no serviço ao Reino; Marli, Marlete, Osni, Milton, Mariluci, Pedrinho, Marinês, Augusto, Marcos e Marciana.

As Irmãs Missionárias de Cristo, que aceitaram partilhar o árduo trabalho missionário de evangelização e presença no meio dos pobres e das Comunidades Eclesiais de Base da Paróquia São Miguel Arcanjo.

Aos irmãos e irmãs das Comunidades da Paróquia São Miguel Arcanjo, especialmente as lideranças comunitárias que partilham comigo o ministério do serviço do Reino.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Arquidiocese de Goiânia, que me acolhem sempre, me motivam a acreditar no Deus da Vida, que cantam comigo o bendito de louvação ao Divino: “Glória seja ao Pai, Glória seja ao Filho, Glória ao Espírito Santo, seu amor também. Ele é um só Deus. Em

Pessoas Três. Agora e sempre, sempre amém!” E, por graça divina, me presentearam a pesquisa sobre ecumenismo dando o teor central desta dissertação.

A Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP), que ensina a amar o jovem excluído e a resistir sempre.

Aos meus irmãos presbíteros da Arquidiocese de Goiânia, pelo carinho e pela fraternidade.

Aos Professores/as do mestrado, especialmente Irmã Zilda Fernandes e Carolina Teles Lemos, pela amizade e pelo que me ensinaram.

Aos amigos do mestrado, Elisabeth Bicalho, Maria Emília, Conceição, Pe. Luis Alberto, Lúcia Lobo e Roque Toscano, pelo carinho e compreensão para comigo e por muitas vezes me considerarem capaz de concluir o mestrado.

Aos amigos que deixam e aceitam ser o que sou, como Deus me criou: Irmingard, Teresa, Bárbara, Ana Rita, Apolinário, Reijane, Eneida, Marta, Janete, Edson e Eliane Conrado, Rosa e Leopoldino, Alvina, José e Francisca Paranaíba, Verneson, Nilsa, Mauro, José Pires e Simone e seu filho Mateus.

Aos irmãos e irmãs de todas as religiões com quem tive a alegria de lutar e celebrar pela vida.

SUMÁRIO

Resumo	
Abstract	
Introdução	12
Capítulo 1 – O Ecumenismo na Igreja Católica	
1.1 – Um Pouco de História	24
1.2 – O Concílio Vaticano II e as Religiões Hoje	31
1.3 – Fora da Igreja não Há Salvação	32
1.4 – Documentos sobre Ecumenismo na Igreja Católica	35
1.4.1 – Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i>	36
1.4.2 – Declaração <i>Nostra Aetate</i>	38
1.4.3 – Orientações Ecumênicas nos Documentos Oficiais na Igreja latino-americana	40
1.4.4 – João Paulo II e a Encíclica <i>Ut Unum Sint</i>	44
Capítulo 2 – Teologias Correlatas ao Discurso Ecumênico	
2.1 – Teologia Ecumênica	50
2.2 – Teologia da Libertação	53
2.3 – A Teologia Feminista como Espaço e Lugar do(a) Outro(a)	66
Capítulo 3 – A Prática do Ecumenismo na Arquidiocese de Goiânia	
3.1 – Ecumenismo Antropológico	74
3.2 – Uma Igreja Particular com Características Eminentemente Pós-conciliar	76
3.2.1 – Cenário do Pluralismo Religioso	83
3.2.2 – Cenário das Ações de Fé e Compromisso Social	89
3.2.3 – Cenário da Celebração da Vida	98
Conclusão	102
Anexo I – Pesquisa Ecumênica (Pesquisa I)	109
Anexo II – Relatos de Experiências Ecumênicas (Pesquisa II)	149
Anexo III – Análise das Pesquisas em Quadros Referenciais	161
Bibliografia	168

RESUMO:

Este trabalho é uma análise e uma tentativa de defender cientificamente o ecumenismo antropológico. Começando pela compreensão do discurso sobre o ecumenismo oficial da Igreja Católica e da experiência de ecumenismo no Brasil realizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), faz-se um resgate histórico dos primórdios do ecumenismo cristão que surge fora da Igreja Católica. Analisam-se documentos oficiais da Igreja Católica sobre o ecumenismo numa perspectiva antropológica e as teologias correlatas a este discurso ecumênico. As duas pesquisas analisadas são relatos de experiências ecumênicas de agentes de pastoral da Arquidiocese de Goiânia. Vivenciando uma realidade social de exclusão e participantes de uma Igreja Particular que tem seu modelo eclesial configurado pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), os relatos de experiência ecumênica revelam que o ecumenismo antropológico aí está presente, como presença sagrada do plano de Deus e como prática evangélica de afirmação da vida humana.

ABSTRACT

Besides being an analysis, this work is an attempt to defend scientifically the anthropologic ecumenism. Beginning with the comprehension of the speech about the official Catholic Church ecumenism and the ecumenical experience in Brazil realized by the “Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)”, a historical rescue of the primeval Christian ecumenism that comes outside the Catholic Church is made. Not only official documents of the Catholic Church are analyzed in an anthropologic perspective, but also theologies correlated to that ecumenical speech are studied. These two analyzed researches are reports of ecumenical experiences of pastoral agents from the Archdiocese of Goiânia. Living a social reality of exclusion and participation in a Particular Church which has its ecclesiastical model configured by “Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)”, the reports about the ecumenical experience reveal that the anthropologic ecumenism is present as the sacred presence of God and evangelical practice of human life affirmation.

INTRODUÇÃO

Há algo de diferente acontecendo no campo religioso. Assim como as sociedades atuais se arrogam o direito de informatizarem suas relações e, numa tecla de computador, estar em “perfeita” conexão com a sociedade, do mesmo modo essa relação atravessa hoje o campo religioso e cria uma complexa relação religiosa. Essa complexa relação religiosa faz com que sociólogos, teólogos, fenomenólogos, antropólogos e outros cientistas destaquem o ecumenismo religioso como objeto de estudo, pesquisa e de influências sociais e institucionais.

O tema tratado nesta dissertação é ecumenismo antropológico. Este tema está dentro da grande temática da teologia ecumênica e traz uma conotação prática da experiência religiosa nas Igrejas e instituições sociais.

Os motivos que levaram o autor a eleger o ecumenismo antropológico como tema de estudo desta dissertação são de cunho teológico e pastoral. O interesse pelo ecumenismo nasce da prática quotidiana e da busca de interpretações teológicas sobre esta mesma prática. As diversas ações

ecumênicas, que envolvem a Igreja Católica em Goiânia e, conseqüentemente o trabalho pastoral, se torna aqui objeto de estudo.

A problematização do tema apresentado se verifica na incoerência ou nos desafios entre as grandes diretrizes das Igrejas Cristãs Oficiais e a pouca eficiente vontade política que se constata na prática, no sentido de operacionalização dos propósitos ecumênicos apresentados, em sua grande maioria, nos documentos de tais Igrejas Cristãs.

Oficialmente, há um discurso documental proferido pelas Igrejas Cristãs, mas na prática do dia a dia os cristãos estão envolvidos por uma rede de experiências religiosas que se misturam e se entrelaçam de modo que não lhes resta outra postura senão confrontá-las de modo pacífico e de convivência respeitosa.

Esta dissertação tem como objetivo relacionar o discurso ecumênico oficial da Igreja Católica com o ecumenismo antropológico e suas implicações com as comunidades cristãs de base da Arquidiocese de Goiânia. Busca, outrossim, constatar as contribuições dos movimentos e correntes atuais em relação ao ecumenismo antropológico; verificar como o discurso ecumênico da Igreja Católica abre um leque de interpretações e de práticas ecumênicas; perceber, na prática ecumênica da religiosidade popular e de suas lideranças, que há liberdade e busca de união entre igrejas, pessoas e organizações, não somente no sentido cristão, mas na construção da Paz, da Saúde, da Harmonia e de Respeito humano e analisar as experiências ecumênicas das Comunidades Eclesiais de Base na Arquidiocese de Goiânia e suas abrangências sociais.

Nesta análise faz-se um estudo da concepção religiosa a partir da modernidade e suas implicações na prática ecumênica. Serão percorridos os teóricos e os teólogos que trataram da questão desde Hans Küng até os teólogos atuais, especialmente Leonardo Boff que propõe, em seus últimos escritos, uma busca de cuidado, respeito e nova ética como caminho ecumênico mundial.

Não se omitirá o ecumenismo oficial – estudo de documentos e organizações católicas oficiais - mesmo porque ele dá grande abertura e liberdade nas suas concepções e nas suas aplicações. Contudo, o caminho de abertura para o ecumenismo vislumbrado nesta dissertação é mesmo o ecumenismo antropológico.

Assim, até que ponto o discurso ecumênico oficial está ligado ao ecumenismo antropológico, ou vice-versa? Há ou não complementaridade entre estas concepções? O Ecumenismo antropológico está inserido como temática dos novos paradigmas religiosos?

Para responder a estes questionamentos sobre o ecumenismo antropológico e sobre os novos paradigmas religiosos e ecumênicos, colocamos frente ao seguinte enunciado: Uma nova concepção de Deus que o torna mais presente na história, a partir das várias experiências religiosas que estamos observando na sociedade, neste final de milênio, marca um novo êxito de Deus e uma possível experiência antropológica comum e universal do sagrado entre diversas religiões. E a Igreja Católica, a partir dos anos 60, se encontra muito presente neste discurso ecumênico.

Além de buscar os parâmetros de inclusão do discurso ecumênico na história, serão analisados documentos do Concílio Vaticano II, do Papa João Paulo II e documentos e experiências ecumênicas feitos a partir de 1960. Além disso, serão analisadas experiências ecumênicas documentadas pela Arquidiocese de Goiânia e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

A estrutura desta dissertação está dividida em três partes: na primeira, serão feitas as análises dos documentos da Igreja Católica sobre o diálogo inter-religioso. Busca-se evidenciar a inter-relação entre a concepção de ecumenismo e outros elementos do discurso e como a igreja católica enfrenta a questão de ecumenismo diante do fenômeno religioso que inclui, inclusive teólogos(as) católicos. Na segunda parte, aborda-se o ecumenismo nas teologias ecumênica, da libertação e teologia feminista. Na terceira parte, será feito o recorte da pesquisa ecumênica. Para onde aponta o discurso ecumênico na Igreja católica da Arquidiocese de Goiânia e que caminhos se percorrem. Esta parte também apontará os resultados obtidos através das análises científicas.

A secularização e a demitização¹ puseram em “xeque” toda a esfera do sobrenatural e trouxeram a problemática do sentido da linguagem religiosa usada pelas Sagradas Escrituras, pela teologia e especialmente pelas Igrejas cristãs. Ora, essa mesma secularização parece dar sinais de queda do racionalismo e, de ser transportada para as esferas do símbolo e da imagem religiosa. A busca, ainda que inconsciente, do simbólico e do sagrado, aparece

¹ Movimento manifestado na teologia protestante e católica, originado dos escritos de Rudolf Bultmann (1884-1976), teólogo alemão.

nas atitudes das pessoas na sociedade e a Igreja católica coloca-se como aquela que busca entender esse fenômeno a partir dos seus teólogos e do magistério.

O tema ecumenismo tem relevância contemporânea tanto para as Igrejas cristãs quanto para as não cristãs. Trata-se não apenas de um discurso científico – embora também o inclua – mas de uma rede de relações e desejos, de práticas e concepções que vão desde a concepção inter-religiosa até um ecumenismo que se pode denominar antropológico.

Apesar do leque ecumênico que se abre nesta dissertação, serão privilegiadas as concepções católicas ecumênicas, enfatizando a importância da prática ecumênica para fazer caminhar este movimento mundial.

Nesta linha de análise da prática ecumênica abordar-se-ão diversas temáticas que contribuirão para o reconhecimento e operacionalização deste movimento ecumênico tais como as teologias da libertação e feminista.

As religiões, as organizações não governamentais nacionais e internacionais e muitas organizações sociais estão se voltando para práticas e discursos que compreendem a paz, a ecologia, a nova ética, a justiça e, para isso, começam aparecer nas sociedades humanas símbolos e signos que podem ser chamados ecumênicos e que apontam para duas dimensões: a primeira delas é a crise da modernidade e conseqüentemente do racionalismo, que carrega uma boa dose de individualismo e perfeição, e a segunda é o que teóricos e teólogos chamam de o surgimento de um novo paradigma que traz, em si, uma maleabilidade e diálogo entre razão e emoção, entre fé e razão, entre espírito científico objetivo e experiências ou “sabedoria popular”.

As questões da mudança da concepção de Deus e do ecumenismo estão relacionadas à crise da modernidade. A religião e, conseqüentemente, Deus e o ecumenismo não são importantes para a sociedade industrializada. Ao mesmo tempo em que surgem as ciências naturais, surgem também às ciências sociais e as religiosas no século XVIII. Ou seja, no momento em que as sociedades industrializadas caminhavam pela via positivista – e negavam veementemente a religião – a mesma tornou-se alvo de grandes pesquisas e estudos sociológicos, antropológicos e teológicos. Os sociólogos, especialmente Weber e Durkheim, Otto e os Antropólogos Malinowski e Tylor, os mestres da suspeita Marx, Freud e Nietzsche deram uma contribuição científica inegável para esses dois últimos séculos no que se refere à crítica e estudos das religiões.

Não há sociedade sem religião e sem Deus ou deuses. Este princípio religioso estimulou os estudos da religião e influenciou a iniciativa de estudo da História das religiões. A Igreja Católica resistiu por quase dois séculos a entrar nesta discussão. Até que em 1962, por convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II, a mesma abriu-se para o diálogo com o mundo, com as religiões e com as ciências.

Constata-se, nas reflexões científicas e na prática de vários segmentos populares e institucionais, o aparecimento de novos paradigmas² não somente religiosos, mas epistemológicos e culturais.

² Tomas KÜHN in Gibellini, Rosino. 1998. p. 503–505.

- Religioso: há um emergir de novas concepções religiosas, de novas concepções de Deus³, de novas maneiras de se fazer teologia que nascem a partir de novos conceitos tais como Panenteísmo⁴, Ecologia e Ecosocialismo⁵.

- Epistemológico e Cultural (o conhecimento como prazer): além de todo processo de globalização que insere a humanidade em uma sociedade planetária, tem havido nos últimos tempos, especialmente nas ciências antropológicas e sociais e na psicologia, uma certa unificação no que diz respeito ao diálogo entre razão e emoção, relativização. Um exemplo desse pensamento é o livro do físico austríaco Fritjof Capra intitulado “O Ponto de Mutação”, em que ressalta o surgimento destes novos paradigmas e a necessidade de profundas mudanças nas estruturas sociais e políticas, bem como uma mudança na compreensão religiosa⁶.

A contingência humana precisa de uma resposta da experiência religiosa. A fé ou livre adesão do homem ao apelo transcendente dá sentido à sua existência pessoal e social. Muitas questões existenciais não são explicadas

³ BOFF, Leonardo. 2000.

⁴ Numa civilização de caráter planetário Boff afirma a teoria do Panenteísmo que se distingue do Panteísmo. Ou seja, Deus (a) é o (a) Deus (a) de todas as religiões e toda a humanidade e de todas as coisas. O Panenteísmo não é “tudo é Deus” mas “Deus está em tudo”. A paz e a beleza, a alegria e o amor, a compaixão e o cuidado são prerrogativas religiosas de toda a humanidade.

⁵ Idem.

Em Capra, encontramos a justificativa para o ou os novos paradigmas : “precisamos, pois de um novo ‘paradigma’ – uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores. Os primórdios desta mudança, da transferência da percepção mecanicista para a holística da realidade, já são visíveis em todos os campos e suscetíveis de dominar a década atual... A gravidade e extensão global de nossa crise atual indicam que esta mudança é suscetível de resultar numa transformação de dimensões sem precedentes, um momento decisivo para o planeta como um todo... Essa visão inclui a emergente visão sistêmica de vida, mente, consciência e evolução; a correspondente abordagem holística da saúde e da cura; a integração dos enfoques ocidental e oriental da psicologia e da psicoterapia; uma nova estrutura conceitual para a economia e tecnologia; e uma perspectiva ecológica e feminista, que é espiritual em sua natureza essencial e acarretará profundas mudanças em nossas estruturas sociais e políticas”.

⁶ CAPRA, Fritjof. 1982. p. 14

pela razão. Deste modo, acredita-se que a teologia, que é o discurso da fé, considera a existência humana e suas relações a partir do Transcendente. O Ecumenismo está inserido neste discurso de fé. As pessoas, instituições religiosas e comunidades, ao praticarem o ecumenismo são movidas, preferencialmente, por uma atitude de fé.⁷

Mesmo considerando que o discurso ecumênico oficial está distante da prática ecumênica, não se pode dizer que esta última não esteja a serviço da fé. O que se deve considerar é o fato de que o ecumenismo, após os anos 60, evoluiu de um ecumenismo apenas inter-religioso para um ecumenismo antropológico. E, neste caso, não se pode confundir o discurso teológico com um discurso das ciências da religião. Alguns teólogos e pastoralistas denominam esta nova compreensão ecumênica de macroecumenismo, uma vez que a distância do encontro humano a nível mundial torna-se cada vez menor.⁸

TEMA

Ecumenismo Antropológico.

⁷ Sobre os perigos de impedir o diálogo inter-religioso o teólogo Mário França de Miranda comenta: “Apenas duas interpretações extremas das religiões podem impedir de antemão a possibilidade do diálogo inter-religioso... a “fundamentalista” e a “relativista”... Ambas encontram-se presentes no universo atual das religiões. A primeira pretende absolutizar o relativo, ao ignorar intencionalmente interpretações extremas das religiões podem impedir de antemão a possibilidade do a dimensão histórica e sócio-cultural da expressão religiosa. Julgando-se possuidora da plenitude da verdade e da salvação, nada podem lhe oferecer as outras religiões, vistas apenas como concorrentes e ameaças. A outra interpretação radicaliza o transcendente como mistério totalmente inacessível à razão humana, de tal modo que todas as expressões dele são relativas e, no fundo, se equivalem. O fato indiscutível das diversas religiões no planeta se originaria apenas da diversidade dos contextos históricos e sócio-culturais. Neste caso, não gozando de uma identidade realmente própria, não se vê que sentido poderia ter um autêntico diálogo inter-religioso”.

⁸ Mário França de Miranda in TEIXEIRA, Faustino. 1997. p. 105-106.

JUSTIFICATIVAS

O tema do ecumenismo antropológico tem relevância contemporânea tanto para as Igrejas cristãs quanto para as não cristãs. Trata-se não apenas de um discurso científico – embora também o inclua – mas de uma rede de relações e desejos, de práticas e concepções que vão desde a concepção inter-religiosa até um ecumenismo que se pode denominar antropológico.

Sempre que se põe em pauta a questão da prática do ecumenismo fala-se em “ecumenismo de base” ou “prática ecumênica”. Porém, esta conceituação nem sempre engloba uma visão mais abrangente e de relação entre ecumenismo oficial e ecumenismo antropológico. Portanto, o que se chamará nesta dissertação ecumenismo antropológico é à busca de uma análise mais científica e justa de todo o resultado de experiências e concepções ecumênicas que acontecem seja por iniciativa das Igrejas cristãs, seja por iniciativa anônimas de cristãos e não cristãos na busca da unidade, da justiça e da paz.

Analisar a prática ecumênica de grupos, comunidades cristãs ou de pessoas de boa vontade não é simplesmente descrever fenomenologicamente momentos de diálogo inter-religioso. Implica em apreender quais paradigmas religiosos ou não sustentam este ecumenismo antropológico. Muitos destes novos paradigmas ainda estão sendo introduzidos nas religiões e nas sociedades, como por exemplo, o holismo, a integração entre razão e emoção, o macroecumenismo.

* O termo macroecumenismo foi cunhado pela primeira vez na Assembléia do Povo de Deus, realizado em Cachipay, Colômbia de 10 a 14 de Outubro de 1996.

HIPÓTESE

Até que ponto o ecumenismo oficial está ligado ao ecumenismo antropológico, ou vice-versa? Há ou não complementaridade entre estas concepções? O ecumenismo antropológico está inserido como temática dos novos paradigmas religiosos?

OBJETIVO GERAL

Relacionar o discurso ecumênico oficial da Igreja Católica com o ecumenismo antropológico e suas implicações com as comunidades cristãs de base da Arquidiocese de Goiânia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Constatar as contribuições dos movimentos e correntes atuais em relação ao ecumenismo antropológico;
- Verificar como o discurso ecumênico da Igreja Católica abre um leque de interpretações e de práticas ecumênicas;
- Perceber, na prática ecumênica da religiosidade popular e de suas lideranças, que há liberdade e busca de união entre igrejas, pessoas e organizações, não somente no sentido cristão, mas na construção da Paz, da Saúde, da Harmonia e de Respeito humano;
- Analisar as experiências ecumênicas das Comunidades Eclesiais de Base na Arquidiocese de Goiânia e suas abrangências sociais.

METODOLOGIA

A estrutura desta dissertação está dividida em três partes: na primeira serão feitas as análises dos documentos da Igreja Católica sobre o diálogo inter-religioso. Busca-se evidenciar a inter-relação entre a concepção de ecumenismo e outros elementos do discurso e como a igreja católica enfrenta a questão de Ecumenismo diante do fenômeno religioso que inclui, inclusive teólogos(as) católicos. Na segunda parte, aborda-se o ecumenismo nas teologias Ecumênica, da Libertação e teologia Feminista. Na terceira parte, se fará o recorte da pesquisa ecumênica. Para onde aponta o discurso ecumênico na Igreja Católica da Arquidiocese de Goiânia e que caminhos se percorre. Esta parte também apontará os resultados obtidos através das análises científicas.

PESQUISAS ANALISADAS

A Equipe Ecumênica da Arquidiocese de Goiânia cedeu dois relatórios de experiências ecumênicas para uma verificação analítica.

A primeira, denominada de **Pesquisa Ecumênica (Pesquisa I)**, foi realizada em 11 de novembro de 1999.

A segunda pesquisa, denominada de **Relatos de Experiências Ecumênicas (Pesquisa II)**, foi elaborada em 6 e 7 de maio de 2000 na Arquidiocese de Goiânia, por ocasião de um Curso de Formação para agentes de pastoral sobre a Campanha da Fraternidade de 2000.

CAPÍTULO 1:

O ECUMENISMO NA IGREJA CATÓLICA

1.1 - Um Pouco de História.

O movimento ecumênico das Igrejas Cristãs inicia-se no século XX, envolve o objetivo de superação das divisões do passado: o cisma do Oriente no séc. XI e a Reforma Protestante no séc. XVI.

Oikoumene⁹ é um termo grego que significa a “Terra inteira”, ou também “toda a terra habitada”. Segundo Rosino Gibellini, há um tríplice significado no uso lingüístico:

- “a) pode indicar aquilo que diz respeito a toda a Igreja católica: neste sentido se fala de concílios ecumênicos;
- b) pode indicar, numa acepção mais ampla, aquilo que diz respeito à unidade dos cristãos e das Igrejas cristãs sobre toda a face da terra: neste sentido se fala, desde o início do séc. XX, de movimento ecumênico;
- c) mas, podem indicar, numa acepção ainda mais ampla, mundialidade e universalidade: e neste sentido vai-se impondo o uso da expressão “ecumenismo ecumênico”, que se estende aos problemas concernentes à comunidade mundial das religiões”...¹⁰

As origens do ecumenismo situam-se precisamente em 1.805, quando missionários protestantes da África e da Ásia exigiam uma postura mais unificada dos cristãos e das Igrejas frente à missão que realizavam nestes

9 GIBELLINI, Rosino. 1998. p. 487. Ver também; BARROS, Marcelo. 1997 e TEXTOS DOS ASSESSORES: Curso de Verão 2000.

10 GIBELLINI, Rosino. 1998. p. 487.

continentes. Foi o missionário batista William Carey que se pronunciou em forma de pedido de dar a vida uma “associação geral de todas as denominações cristãs existentes nas quatro partes do mundo”. Uma proposta que não nasce do centro cristão (Europa), mas das “periferias” do mundo. Encontros periódicos foram se realizando até que em 1910, com uma consciência ecumênica já amadurecida, realizou-se na Escócia a Assembléia de Edimburgo, que marca oficialmente o início do movimento ecumênico.

A partir daí, inspirados na teologia liberal que relativiza os problemas dogmáticos, surge o World Council of Churches WCC = Conselho Mundial das Igrejas, ou Conseil Oecuménique des Églises (CEE = Conselho Ecumênico das Igrejas = CEI), cuja constituição ficou decidida na reunião ecumênica de Utrecht, em 1938¹¹. Além de criação de condições de contatos vivos entre as Igrejas cristãs e da concepção cristológica-trinitária, a CEI configura uma seção que inclui as mulheres. No que se refere à concepção e discurso ecumênico sobre Deus nas várias denominações cristãs, não se percebe nenhuma disputa ou contradição. Deus continua sendo o Deus das Escrituras Vêtero-testamentárias e o Deus Trindade das Escrituras Neo-testamentárias.

Quando se trata de alcance do discurso ecumênico, seja na Igreja Católica seja nas outras Igrejas cristãs, há um aceno ainda tímido no sentido do futuro do ecumenismo vislumbrado pela teologia liberal, conforme K. Barth, Y. Congar; K. Rahner, O. Culmann e até mesmo de H. Küng. Este aceno se volta para o Evangelho ou para a verdade evangélica e no máximo se distingue entre ecumenismo oficial e ecumenismo espiritual e prático.

11 Op. cit. p. 489.

“Mas não existe apenas o ecumenismo oficial ou institucional das comissões e dos encontros entre autoridades responsáveis pelas comunidades eclesiais; está também ativo um vasto e diversificado ecumenismo espiritual e prático, que muda as mentalidades, introduz micro-mutações no tecido eclesial, antecipando os passos oficiais; como também se desenvolve um ecumenismo doutrinal ou teológico, que se exprime na procura e reflexão e está destinado a se tornar uma dimensão de toda a teologia: sistemática, ética e histórica...”¹²

O próprio Gibellini afirma categoricamente que as negociações ecumênicas se situam no campo eclesiológico e não no discurso sobre Deus:

“Pode parecer desconcertante, mas os pontos mais duros nas negociações ecumênicas não se situam na doutrina trinitária, em cristologia, ou em antropologia, e sim na eclesiologia, especialmente no nó doutrinal da estrutura da comunidade e dos ministérios postos à frente das comunidades. As divisões, que remontam ao século XI com a Ortodoxia, e ao século XVI com a Reforma, criaram tradições e estruturas eclesiásticas, que só agora se medem no confronto e no diálogo. Aqui a teologia ;e chamada a “remover rochedos” (Hans Küng) que bloqueiam o caminho do entendimento ecumênico”.¹³

Porém, a aplicação do Vaticano II, especialmente na América latina, em sentido teológico e pastoral tem demonstrado que estes “rochedos” já dão sinais de que estão sendo removidos. Uma razão para que se possa perceber estas negociações ecumênicas é a compreensão antropológica de religião como parte da cultura ou das diversas culturas. Ou seja, a Igreja Católica faz, a partir do Vaticano II, um discurso ecumênico não somente com as religiões, mas também com as ciências modernas.

12 Op. cit. p. 492-493.

13 Op. cit. p. 493.

Com a amplitude dada, pela Igreja Católica ao Ecumenismo, na atualidade, pode transparecer que esta deu o primeiro impulso ecumênico no mundo e no Brasil. Entretanto, foram os protestantes que iniciaram propostas ecumênicas tanto na Europa como na América Latina. No Brasil, deu-se por volta de 1.903, com a Criação da Aliança Evangélica do Brasil. A partir daí ocorreram várias atividades, encontros e acontecimentos que motivaram a adesão de várias igrejas protestantes a um ecumenismo. Especialmente a integração de várias igrejas ao Conselho Mundial das Igrejas (CMI).

O grande passo dado pela Igreja Católica à abertura ecumênica foi com o Concílio Vaticano II. No Concílio, através do documento *Unitatis Redintegratio*, define-se a quebra da cristandade católica e defende-se a existência de “realidades salvíficas”¹⁴ fora da Igreja Católica. Procurou-se abrir um caminho para o diálogo, demonstrando a presença do plano de Deus nas diversas Igrejas e também religiões, resguardando, porém, o respeito mútuo entre as mesmas.

Segundo Elias Wolff, no Brasil, pela iniciativa protestante e pelo novos ventos soprados na Igreja Católica, criaram-se novos espaços ecumênicos, culminando com a criação, em 1982, do Conselho Nacional de Igrejas, também denominado CONIC. Este órgão passa a ser o principal representante para a criação de uma sintonia e de um diálogo ecumênico, entre as sete Igrejas cristãs que dele fazem parte: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Episcopal Anglicana, Igreja Metodista, Igreja Presbiteriana Unida, Igreja Cristã Reformada, Igreja Católica Ortodoxa Siriana e

14 WOLFF, Elias. 1.999. p. 42.

Igreja Católica Romana. Todas essas Igrejas programaram, dentro do CONIC, uma Assembléia Geral que se reúne a cada dois anos e uma Comissão Central.

A Igreja Católica no Brasil desenvolveu o seu espírito ecumênico tendo como ponta-de-lança a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), órgão este que representa o pronunciamento oficial da Igreja brasileira frente às necessidades internas e externas da Igreja e sociedade. Motivado pela posição tomada no Concílio Vaticano II, o episcopado brasileiro reagiu de diversas formas a essa nova realidade. Alguns episcopos preferiam resguardar a fé católica de forma apologética, contrariando muitos outros que se mostraram mais flexíveis ao diálogo ecumênico¹⁵.

Sentiu-se, portanto, a necessidade de se publicarem comentários, como o elaborado por P. Lepargneur, publicado na Revista Eclesiástica Brasileira, com o título “O Ecumenismo Católico após a Terceira Sessão”. Neste comentário, o autor procura auxiliar os bispos brasileiros a compreenderem que o ecumenismo se desenvolve por etapas/graus. Etapas estas que estão imbuídas do respeito (diálogo), da oração (Unidade dos cristãos), do próprio conhecimento de cada confissão espiritual e litúrgica e a colaboração entre os teólogos da respectiva confissão.

- o respeito elementar da verdade e da pessoa do próximo. É nessa “primeira etapa” do diálogo ecumênico que acontece o abandono das calúnias, dos juízos temerários, das invectivas contra a caridade e a verdade;

- a oração, sobretudo pela realização da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos;

15 Op. cit. p. 46.

- o conhecimento da teologia, da espiritualidade e da liturgia de cada confissão, que precisa as mentalidades, delimitando as divergências, sem deixar de reconhecer o valor fundamental de tudo o que nos une às Igrejas Cristãs. Esse terceiro “grau” do diálogo ecumênico acontece, segundo Lepargneur, pela divulgação das posições das várias Igrejas em nível popular e pelo estudo dos teólogos;

- a colaboração realizada entre os teólogos durante simpósios, sessões encontros etc., o que permite que o ecumenismo não seja apenas uma renovação pastoral na Igreja, mas que influencie na profundidade do ser Igreja.¹⁶

Durante um período considerável, nas Assembléias Gerais da CNBB como também nas reuniões tidas como “maiores”, foram criadas diretrizes para amadurecer o ideal ecumênico na Igreja do Brasil. Na década de 70, aumentou a presença dos “não-católicos” nas Assembléias Gerais da CNBB como de observadores de várias Igrejas, entre elas a Igreja Episcopal do Brasil e a Igreja de Confissão Luterana no Brasil.¹⁷

Não se pode omitir a participação de bispos como D. Hélder Câmara, D. Paulo Evaristo Arns, D. Aloísio Lorscheider que, de forma bastante expressiva, atuaram na inserção de uma mentalidade ecumênica na CNBB, dando apoio decisivo à participação de outras Igrejas cristãs nas reuniões e assembléias da Conferência.

Nas assembléias e reuniões da CNBB a presença dos “não católicos”, foi além da observação, tendo também momentos de participação ativa. Vários fatos, como reflexões feitas por representantes de várias Igrejas

16 Op. cit. p. 48.

17 Op. cit. p. 51-52.

nos plenários nas reuniões da Conferência, motivaram uma unidade das Igrejas para garantir principalmente a luta pela justiça e resguardar os direitos humanos. Elias Wolf cita o exemplo de pastores de algumas Igrejas que participam ativamente das reuniões dos bispos: “...Outro exemplo da riqueza da participação de outros cristãos nas reuniões do episcopado católico foi a palestra sobre Maria, proferida na Assembléia Geral do Episcopado Brasileiro em 1996, pelo pastor metodista Ervino Schimidt...”¹⁸

No transcorrer da existência da CNBB foram sendo elaboradas diretrizes tendo como título, Diretrizes Gerais da Ação Pastoral (DGPA). Estas diretrizes tiveram uma preocupação especialmente com o diálogo ecumênico e religioso. Percebe-se, por exemplo, nas Diretrizes Gerais da Ação Pastoral de 1979-1982, a abordagem da questão do diálogo, da restauração da unidade cristã e da promoção humana¹⁹.

A entrega da preparação da Campanha da Fraternidade do ano 2.000 ao CONIC representa, por assim dizer, um dos maiores sinais de abertura da CNBB aos cristãos de outras Igrejas. A Campanha, como o tema: DIGNIDADE HUMANA E PAZ, uma das grandes manifestações sociais da Igreja Católica, neste ano, motivado pela Comemoração do Jubileu dos 2000 anos de nascimento de Jesus Cristo, teve a preocupação de realizá-la de forma ecumênica, dando oportunidade a todas as Igrejas do CONIC (além da Igreja Católica) de promover a possibilidade diálogo e de prática ecumênicas em todo o seu corpo litúrgico, espiritual e social.

18 Op. cit. p. 55.

19 WOLFF, Elias. 1.999. p. 61.

1.2 - O Concílio Vaticano II²⁰ e as Religiões Hoje.

Nas últimas décadas deste nosso século XX, especialmente de 1960 para cá, percebe-se uma mudança nas aplicações da religião quer via instituições quer via religiosidade popular. O advento de várias religiões cristãs de certa maneira abalou a pastoral - o modo de aplicação das verdades da fé - da Igreja Católica. Esta nem mesmo havia saído da superação da crise com as ciências modernas e já enfrenta o efervescer de Igrejas pentecostais. Como entender esse fenômeno religioso que nasce, nos últimos tempos, com autonomia religiosa e perpassa as diversas camadas sociais sem fazer uma análise acurada da religião e de seus pressupostos já iniciados na modernidade e com características fenomenológicas muito diferentes hoje?

Num contexto do pós Vaticano II, as várias dimensões ou facetas do ecumenismo vão desde liturgias ecumênicas, do estudo ecumênico da bíblia, até o macroecumenismo e a inculturação. O discurso ecumênico da Igreja católica abrange uma gama enorme de conceitos e busca de caminhos novos, porém nem tudo ainda está claro.

²⁰ O Concílio Vaticano II foi um acontecimento marcante na Igreja Católica do Século XX. Iniciado pelo papa João XXIII em 1962 e finalizado por Paulo IV em 1964. Este evento trouxe ventos de renovação litúrgica, pastoral e mesmo no diálogo ecumênico com outras Igrejas cristãs e religiões.

Os caminhos a percorrer são ainda longos. O discurso evangélico que fala da unidade – “Que todos sejam um”, (Jo 17, 21) - é um dos maiores princípios do discurso ecumênico católico. O discurso e a prática ecumênica nem sempre estão interligados. Nas tentativas de fazer acontecer, entre instituições religiosas, práticas comuns referentes ao campo do sagrado que se encontra em cada pessoa humana percebem-se o surgimento de um novo paradigma religioso.

A sociedade hoje está aberta a todas as manifestações do sagrado de forma muito ecumênica, diferente da sociedade moderna que, com seu espírito científico positivista, colocava também a ciência religiosa ao crivo do racionalismo. A religião hoje deixa de ser entendida de forma racional para assumir um discurso mais emocional. Isso não muda a sua essência, mas o modo de sua aplicação prática.

1.3 - Fora da Igreja Não Há Salvação.

Um dos discursos cristãos sobre Deus que interfere diretamente na compreensão do ecumenismo, e que foi feito desde as origens do judaísmo e continuado na cristandade e modernidade até o Concílio Vaticano II é o da ‘Eleição’: Deus é aquele ser supremo – que elegeu um “povo” uma parcela (“os cristãos”) e que estão situados preferencialmente no mundo ocidental. A “eleição” leva à concepção de particularismo salvífico e conseqüentemente Deus

como a verdade salvífica das outras religiões²¹ idéias fundamentais na teologia da Revelação de K. Rahner, E. Schillebeeckx, W. Pannenberg.

Andrés Torres Queiruga aborda o tema da revelação de Deus e a imagem do Abbá criador, o Deus que cria por amor, tema que sintetiza a teologia de Rahner o qual universaliza a revelação de Deus.

“É evidente que um Deus que cria por amor vive debruçado com generosidade irrestrita sobre todas e cada uma de suas criaturas. Não cabe pensar na imagem cruel de um pai egoísta que, gerando muitos filhos, preocupa-se só com seus preferidos, rejeitando os outros. Deus, que nos cria para a felicidade em comunhão com ele, chama a todos e desde sempre: não houve desde o começo do mundo um só homem ou uma só mulher que não tenham nascido amparados e promovidos por sua revelação e por seu amor incondicional”.²²

Todos os modernos teólogos comentaram e reconheceram a abertura ecumênica e o marco fundamental do diálogo e do passo adiante, teológica e religiosamente, dado pelo Vaticano II. É na Declaração *Nostra Aetate* que se vislumbra a abertura e o desafio de abrir caminhos novos no campo teológico e eclesiológico da Igreja Católica frente às Religiões e ao novo paradigma, principalmente no que se refere ao discurso sobre Deus:

“A Igreja Católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nestas religiões. Considera ela com sincera atenção aqueles modos de agir e viver, aqueles preceitos e doutrinas. Se bem que em muitos pontos estejam em desacordo com os que ela mesma tem e anuncia, não raro, contudo, refletem lampejos daquela Verdade que ilumina a todos os homens. Anuncia e vê-se ela de fato obrigada a anunciar incessantemente o Cristo que é “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), no qual todos os homens possam encontrar a plenitude de vida religiosa e no qual Deus tudo reconciliou a Si.

21 QUEIRUGA, Andrés Torres. 1.995.

22 QUEIRUGA, Andrés Torres. 1.998. p. 33.

Exorta por isso seus filhos a que, com prudência e amor, através do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões, testemunhando sempre a fé e vida cristã, reconheçam, mantenham e desenvolvam os bens espirituais e morais, como também os valores sócio-culturais que entre eles se encontram”.²³

No discurso de salvação da Igreja Católica se reconhecem hoje duas questões. A primeira é a de que a Igreja de Cristo é uma só, contudo está dividida ao longo dos séculos. E esta divisão é sinal de escândalo e de vergonha para todos os cristãos. A segunda questão, que remonta à teologia patrística e está presente no Vaticano II, é que a Igreja Católica reconhece lampejos e sinais de salvação não somente nas Igrejas Cristãs, mas em todas as religiões.

O próximo passo é justamente a análise dos documentos em que se encontram tais afirmações para a teologia e para o ecumenismo.

23 Compêndio do Vaticano II. p. 620-621.

1.4 - Documentos Sobre Ecumenismo na Igreja Católica.

A Igreja sempre usou a palavra OIKOUMENE nos seus primórdios para designar a reunião dos seus representantes que provinham do mundo então conhecido, dando a essas reuniões o nome de “Concílios Ecumênicos”. No século IV, os Concílios de Nicéia (325) e Constantinopla (381) são chamados de “símbolos ecumênicos”, pois tratam do conteúdo da fé cristã, dos credos ou profissões de fé que são universais e comuns a todos os cristãos.

Com o surgimento das divisões das Igrejas Cristãs e com estruturas visíveis em comunidades diversas, passaram-se a chamar de “movimento ecumênico” os esforços para a construção da unidade respeitando a diversidade. Usa-se como símbolo comum o apelo de Cristo: “para que todos sejam um; assim como tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti, que também eles sejam um em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste”.²⁴

²⁴ Bíblia Sagrada Eletrônica, Thélos. Evangelho de João. Capítulo 17, Versículo 21.

1.4.1 - Decreto *UNITATIS REDINTEGRATIO*.

Foi com este Decreto que a Igreja Católica oficializou o seu discurso ecumênico como abertura de diálogo, especificamente com as Igrejas Cristãs:

“dele (do movimento ecumênico) participam os que invocam o Deus Trino e confessam a Jesus como Salvador e Senhor, não só individualmente, mas também reunidos em assembléias, onde ouviram o Evangelho, e que declaram, cada um, ser sua Igreja e a de Deus. Quase todos, porém, embora diversamente, desejam uma Igreja de Deus una e visível, que seja verdadeiramente universal e enviada ao mundo inteiro afim de que o mundo se converta ao Evangelho e assim seja salvo para a Glória de Deus”.²⁵

Usando o discurso de unidade de uma única e una Igreja de Deus²⁶ a Igreja Católica admite que desde os primórdios já surgiram algumas cisões e que estas aumentaram nos séculos posteriores, considerando-as como contradição à vontade de Cristo, como se o próprio Cristo estivesse dividido, e como escândalo para o mundo: “Comunidades não pequenas separaram-se da plena comunhão com a Igreja Católica. Algumas vezes não sem culpa dos homens de ambas as partes. Contudo, os que agora em tais comunidades nascem e são imbuídos na fé em Cristo não podem ser argüidos do pecado da separação e a Igreja Católica os abraça com fraterna reverência e amor”.²⁷

25 Unitatis Redintegratio n. 1.

26 Op. cit. n. 3.

27 Op. cit. n. 3.

No Decreto *Unitatis Redintegratio* a Igreja Católica compreende o “movimento ecumênico” como “... todos os esforços para eliminar palavra, juízos e ações que, segundo a equidade e a verdade, não correspondem à condição dos irmãos separados e, por isso, tornam mais difíceis as relações com eles; em seguida, o “diálogo” iniciado entre peritos e competentes entre encontros de cristãos de diversas Igrejas ou Comunidades organizados em espírito religioso”²⁸. Após quase quarenta anos, ainda persiste esta idéia ou metodologia escolástica de debate frente às questões religiosas especificamente cristãs. Entre estas se encontram as Igrejas ortodoxas orientais e as Igrejas históricas protestantes²⁹. Mesmo assim, esta compreensão ecumênica é o primeiro reconhecimento de um grande passo para a prática de um ecumenismo antropológico:

“Por um esforço comum e em mútua estima dêem testemunho da nossa esperança que não confunde. Sendo que nos tempos hodiernos se estabelece largamente a cooperação no campo social, todos os homens são chamados a uma obra comum, mas de modo especial os que crêem em Deus, máxime todos os cristãos assinalados com o nome de Cristo... Essa cooperação já instaurada em não poucas nações, deve ser aperfeiçoada sempre mais, principalmente nas regiões onde se realiza a evolução social ou técnica. Ela contribuirá assim para avaliar devidamente a dignidade da pessoa humana, promover o bem da paz, prosseguir na aplicação social do Evangelho, incentivar o espírito cristão nas ciências e nas artes e aplicar todo o gênero de remédios aos males da nossa época, tais como: a fome e as calamidades, o analfabetismo e a pobreza, a falta de habitações e a distribuição não justa dos bens. Por essa cooperação todos os que crêem em Cristo podem aprender de modo fácil como devem conhecer-se melhor mutuamente e”. estimar-se mais e como se abre o caminho para a unidade dos Cristãos”.³⁰

28 Op. cit. n. 4.

29 Para conferir estes debates verifica-se num atual documento O Que é Ecumenismo p 16 , da CNBB, lançado em 1997 pelas Edições Paulinas: “As duas grandes divisões se formalizaram no segundo milênio da nossa história: a Igreja Ortodoxa se separou em 1054, e Lutero deu início à chamada Reforma Protestante em 1517. Estamos acostumados a culpar os reformadores pela separação, mas também é verdade que não teria havido quebra de unidade se não estivessem acontecendo outras coisas bem lamentáveis dentro da Igreja e se não houvesse interesses políticos em jogo, disputas de poder de ambas as partes”.

30 *Unitatis Redintegratio* n. 12.

No caminho da unidade há etapas para serem seguidas e respeitadas e níveis que não podem ser confundidos, como diz Marcelo Barros³¹. Tal busca da unidade que é chamada Unidade Cristã poderia também ser denominada unidade religiosa, uma vez que se torna quase impossível a prática do ecumenismo somente pelas Igrejas Cristãs. O próximo documento é que abrirá este possível encontro entre todas as religiões, entre cristãos e não-cristãos.

1.4.2 - Declaração *NOSTRA AETATE*.

Esta Declaração Conciliar vai além da anterior e trata das relações da Igreja com os não-cristãos. A Igreja considera as diversas religiões e povos da OIKOUMENE – terra toda habitada – como constituintes de uma só comunidade, com uma origem comum e com um único fim³². A concepção de cultura aparece no documento e nesta mesma concepção a Igreja compreende que estão imersas as várias religiões do mundo. A Igreja reprovava qualquer discriminação ou vexame contra os homens por causa de raça ou cor, classe ou religião, como algo incompatível com o espírito de Cristo”.³³

31 BARROS, Marcelo. 1997. p. 84.

32 Cf. Nostra Aetate n. 1

33 Op. cit. n. 5

As religiões citadas nesta Declaração conciliar são: O Hinduísmo, o Budismo, a Religião Muçulmana e a Religião Judaica. Apesar de reconhecer pontos de desacordos, especialmente doutriniais:

“A Igreja Católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nestas religiões. Considera ela com sincera atenção aqueles modos de agir e viver, aqueles preceitos e doutrinas. Se bem que em muitos pontos estejam em desacordo com os que ela mesma tem e anuncia, não raro, contudo, refletem lampejos daquela verdade que ilumina a todos os homens... reconheçam, mantenham, e desenvolvam os bens espirituais e morais, como também os valores sócio-culturais que entre eles se encontram”.³⁴

Citadas as grandes religiões do mundo, essa Declaração as reconhece imersas em suas culturas. A interpretação que a Igreja Católica faz destas religiões, quando citadas num conjunto único, deixa margem a que se considerem nestas mais os aspectos antropológicos. Ou seja, a denominação “seita” neste documento não é encontrada, ao contrário, as diferentes religiões do mundo são interpretadas no sentido sócio-cultural: “Assim também as demais religiões que se encontram por todo o mundo esforçam-se de diversos modos por irem ao encontro da inquietação do espírito humano, propondo caminhos, isto é, doutrinas e regras de vida, como também ritos sagrados”.³⁵

34 Op. cit. n. 2

35 Op. cit. n. 2

1.4.3 - Orientações Ecumênicas nos Documentos Oficiais da Igreja Católica latino-americana.

Os grandes documentos latino-americanos são: Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). As Assembléias Episcopais da América Latina deram uma característica própria ao Concílio Vaticano II. Vislumbram uma Igreja com rosto e cultura latino-americana e assumiram uma postura evangélica de “Opção Preferencial Pelos Pobres” e de uma Igreja de “Comunhão e Participação”, embasados especialmente pela Teologia da Libertação. A Igreja Católica latino-americana, a partir da década de 1960, inclui em suas reflexões teológicas e teologais instrumentais de análises marxistas e de outras ciências como a sociologia e a antropologia. Os discursos de “JUSTIÇA E PAZ” permeiam os documentos, como este exemplo de Puebla:

“Sobretudo a partir do Vaticano II, cresceu entre nós o interesse pelo ecumenismo. Prova disso temos na promoção conjunta da difusão, conhecimento e apreço da Sagrada Escritura; Nas orações privadas e públicas pela unidade, cada vez mais freqüentes, cuja expressão mais frisante está na semana dedicada a tal objetivo; em encontros e grupos de reflexão interconfessionais; em trabalhos conjuntos para a promoção do homem, a defesa dos direitos humanos e a construção da justiça e da paz”.³⁶

36 Puebla n. 1107

O discurso ecumênico tanto no documento de Medellín quanto no documento de Puebla tem a preocupação pela formação integral da pessoa humana.

Eis uma breve relação dos compromissos e orientações dos documentos de Medellín e Puebla aos povos da América Latina quanto à formação integral da pessoa humana e da promoção da paz e da justiça:

Medellin

- Colaborar com outras confissões cristãs e com todos os homens de boa vontade que estejam numa paz autêntica, firmada na justiça e no amor³⁷;
- Convidar também as diversas confissões e comunidades cristãs e não-cristãs a colaborarem nesta fundamental tarefa destes tempos³⁸;
- Levar todas as famílias a uma generosa abertura para outras famílias, inclusive de confissões cristãs diferentes³⁹;
- Deve-se ressaltar o aspecto totalmente positivo do ensino catequético com seu conteúdo de amor. Assim se fomentará um ecumenismo, evitando toda polêmica, e criar-se-á um ambiente propício à justiça e paz⁴⁰;

37 Medellín n. 26 – cap. 2

38 Op. cit. n. 26 – cap. 2

39 Op. cit. n. 20 – cap. 3

40 Op. cit. n. 11 – cap. 8

Puebla

- Incrementar o diálogo ecumênico entre as religiões e com os não-crentes, com vistas à comunhão, buscando áreas de participação para o anúncio universal da salvação⁴¹;
- Promover, nos diversos níveis e setores em que se estabelece o diálogo, um decidido compromisso comum de defesa e promoção dos direitos fundamentais do homem todo e de todos os homens, especialmente dos mais necessitados, colaborando na edificação duma sociedade mais justa e mais livre⁴².

O documento de Santo Domingo (1992) reforça estas orientações práticas das duas últimas conferências episcopais latino-americanas no campo social e na promoção de valores humanos e traz, como novo discurso, a preocupação mundial do ecumenismo no campo ecológico: Levar os cristãos a assumir o diálogo com o Norte através dos canais da Igreja Católica, assim como de outros movimentos ecológicos e ecumênicos⁴³.

Apesar da grande preocupação pastoral dos documentos latino-americanos surgidos após o Concílio Vaticano II, é possível perceber visões e posições eclesiológicas diferenciadas. Algumas vezes esses documentos colocam a Igreja em posição de defesa da identidade diante dos ataques anti-católicos. Conforme se constata, o número 80 do documento de Puebla e os números 139, 140 e 147 do documento Santo Domingo na citação da palavra

41 Puebla n. 1096

42 Op. cit. n. 1119

41 Santo Domingo n. 170

“seitas” para designar os inúmeros movimentos religiosos, com realce os neo-pentecostais, surgidos na América Latina após a explosão do que se chama pluralismo religioso do final do século XX.

Eis o que diz o documento de Puebla, evidenciando já o pluralismo religioso:

“Muitas seitas têm se mostrado claro e pertinazmente não só anti-católicas, mas até injustas contra a Igreja e têm procurado minar os seus membros mais esclarecidos. Devemos confessar que, em grande parte, até em determinados setores da Igreja, uma falsa interpretação do pluralismo religioso permitiu a propagação de doutrinas errôneas e discutíveis sobre a fé e a moral, produzindo confusão no povo de Deus”.⁴⁴

Mesmo que a questão do pluralismo religioso já tenha surgido em décadas anteriores, oficialmente na Igreja Católica da América Latina vem sendo analisada somente a partir de Puebla, no final da década de 70. Uma gama de estudos referentes ao pluralismo religioso se desencadeou especialmente na década de 80. Não se tem a pretensão de especificar aqui esta questão do pluralismo religioso, pois que esta fará parte, nesta dissertação de um dos cenários da Igreja de Goiânia – no capítulo terceiro - quando se tratará especificamente sobre a pesquisa ecumênica realizada para contextualizar essa mesma Igreja na proposta do ecumenismo antropológico.

44 Puebla n. 80

1.4.4 - João Paulo II e a Encíclica *UT UNUM SINT*.

Escrita em 25 de maio de 1995 e tendo como referência principal o texto bíblico do evangelho de João “Para que todos sejam um...”⁴⁵(Jo 17,21a), o Papa João Paulo II fala do ecumenismo como um caminho de conversão e pretende chegar ao novo milênio senão unidos como cristãos pelo menos não tão separados. Há um avanço grande na compreensão sobre o que é o ecumenismo, especialmente no que diz respeito à prática ecumênica.

Com a motivação central da necessidade de “conversão do coração”, dois grandes eixos sustentam esta encíclica. Um primeiro é o apelo do Concílio Vaticano II, que é o apelo da própria Igreja Católica Universal para a busca do diálogo e de práticas conjuntas entre Igrejas Cristãs e o reconhecimento de elementos ou sementes de verdade e de santificação presentes nas Igrejas não-cristãs. Um segundo eixo é o reconhecimento de várias atitudes ecumênicas, ou práticas comuns que poderiam, também se denominar ecumenismo antropológico, que se unem ao Projeto de entrada no novo milênio. Situemos, portanto, como o próprio documento pontifício propõe e analisa o ecumenismo:

a) Oração e Testemunho; b) O Empenho Ecumênico das Igrejas.

45 BÍBLIA SAGRADA ELETRÔNICA.

a) Oração e Testemunho

O Papa faz a enumeração dos erros – incompreensões, preconceitos, indiferenças e insuficiente conhecimento recíproco – e proclama a necessidade mútua do perdão. O caminho da santidade, segundo o Papa, se faz com o perdão, à oração e o testemunho. A tudo isso o Papa denomina a “conversão do coração”:

“Se os cristãos, apesar de suas divisões, souberem unir-se cada vez mais em oração comum ao redor de Cristo, crescerá sua consciência de como é reduzido o que os divide em comparação com aquilo que os une”.⁴⁶ João Paulo II evoca o testemunho dos mártires como prova de que as divisões podem ser vencidas:

“O testemunho corajoso de tantos mártires do nosso século, incluindo também membros de outras Igrejas e comunidades eclesiais que não estão em plena comunhão com a Igreja Católica dá nova força ao apelo do Concílio... Estes nossos irmãos e irmãs, irmanados na generosa oferta de suas vidas pelo Reino de Deus, dão a prova mais significativa de que todo elemento de divisão pode ser superado”.⁴⁷

b) O Empenho Ecumênico das Igrejas

O documento pontifício se refere ao fato de que é preciso muito esforço para que o respeito e o diálogo aconteçam. E isso é...”Uma exigência de reciprocidade”.⁴⁸ E continua, referindo-se especialmente entre o diálogo que

46 Ut Unum Sint, n. 22

47 Op. cit. n. 1

48 Op. cit. n. 29

acontece entre os peritos, teólogos e autoridades: “Quando se começa a dialogar, cada uma das partes deve pressupor uma vontade de reconciliação no seu interlocutor, de unidade na verdade. Para realizar tudo isso, devem desaparecer as manifestações de confrontação recíproca”.⁴⁹

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ao comentar a encíclica, descreve o que nela se poderia chamar de “Os frutos do diálogo” ou os progressos já alcançados na convergência ecumênica. Segue-se a descrição de alguns dos pontos que foram elencados:

- Já há cristãos de Igrejas diferentes que não se vêem mais como inimigos;
- Está mudando até o vocabulário: já não queremos mais chamá-los de “irmãos separados”, são apenas outros cristãos;
- Traduções ecumênicas da Bíblia;
- Algumas Igrejas não-católicas abandonaram o hábito de celebrar a Ceia do Senhor apenas em poucas ocasiões e passaram a celebrá-la dominicalmente;
- Reconhecimento de um único Batismo que torna todos membros da mesma família; A luta conjunta na defesa de direitos e necessidades de todos, especialmente dos mais desprotegidos.⁵⁰

A respeito deste último item acima elencado, o Papa ressalta que em seus encontros com líderes de várias Igrejas cristãs percebe uma mútua colaboração ecumênica naquilo que chamamos de ecumenismo antropológico: “com uma freqüência sempre maior, os cristãos aparecem juntos a defender a dignidade humana, a promover o bem da paz, a aplicação social do evangelho, a tornar presente o espírito cristão nas ciências e nas artes. Eles se encontram

49 Op. cit. n. 29

50 O Que é Ecumenismo. p. 48.

cada vez mais unidos, quando se trata de ir ao encontro das carências e misérias do nosso tempo: a fome, as calamidades, a injustiça social”...⁵¹

Por fim, com uma consideração ao ponto mais complexo do documento que é o da autoridade papal, João Paulo II afirma que a Igreja Católica, dentre todas as igrejas cristãs, é aquela que “está consciente de ter conservado o ministério do Sucessor do apóstolo Pedro, o Bispo de Roma, que Deus constituiu como perpétuo e visível fundamento da unidade.⁵² E continua dizendo que este sinal visível de unidade “...constitui uma dificuldade para a maior parte dos outros cristãos, cuja memória está marcada por certas recordações dolorosas”.

A fidelidade à verdade deve ajudar os cristãos a buscarem o diálogo no que o documento pontifício enumera⁵³:

- Relações entre Bíblia e Tradição, como norma de fé.
- Eucaristia.
- O sacramento da ordem para os ministérios de diáconos, presbíteros e bispos.
- O Magistério da Igreja, a autoridade do Papa e dos Bispos em comunhão com ele.
- A relação dos cristãos com a Virgem Maria.

Com esta visão analítica da teologia e do ecumenismo da Igreja Católica, passa-se, portanto para uma verificação específica de teologias que

51 *Ut Unum Sint*. n. 74

52 Op. cit. n. 88

53 Cf também, traz o Caderno da CNBB, O que é ecumenismo. p. 53-59

são correlatas ao ecumenismo, buscando justamente a compreensão do ecumenismo antropológico.

CAPÍTULO 2:

TEOLOGIAS CORRELATAS AO DISCURSO ECUMÊNICO

2.1- Teologia Ecumênica

Deus tem muitos nomes? Está em todas as religiões? O Ecumenismo e suas novas concepções de Deus respondem ao novo paradigma?

Dentre os teólogos europeus, destacam-se K. Rahner, K. Barth (“Deus é o totalmente Outro) e Hans Küng. No seu livro “Ser Cristão”, Hans Küng, apesar de estar dentro da visão do “velho paradigma” iluminista e cartesiano, esboça a definição de Deus numa crítica aos filósofos clássicos da cristandade e da modernidade e chega a dizer que Deus tem muitos nomes.

“O conceito geral de Deus é ambivalente, tem vários sentidos. A mesma história da filosofia reclama esclarecimento, mas ela mesma faz duvidar de sua capacidade de levar a cabo algum esclarecimento. Esse Deus dos filósofos parece indeterminado por natureza”.⁵⁴

Enquanto Weber analisa as grandes religiões do mundo numa perspectiva sócio-econômica, Küng analisa as mesmas numa perspectiva Teológica. Küng empresta do epistemólogo austríaco Karl Popper (A Lógica da

54 KHÜNG, Hans. 1.976. p. 64.

A filosofia inteira, desde os pré-escolásticos até Hegel, e ainda até às posteriores antiteologias de Feuerbach e Marx, Nietzsche e Heidegger, giram em torno do problema de Deus que constitui a problemática central da história da filosofia, conforme a desenvolveu detalhadamente W. Weischedel. “Revela-se aí como vocábulo <<Deus>> denota coisas muito diversas, sem serem disparatadas, antes aparentadas: <<O Divino dos antigos pensadores gregos em sua direta presença no universo não é igual ao Criador da teologia filosófica cristãmente orientada. O Deus, fim último de todo esforço na realidade, como o concebe Aristóteles, distingue-se do Deus kantiano, a garantir a lei moral e a felicidade. O Deus acessível à razão, de Tomás Aquino e Hegel, é diverso do Deus indivizível e oculto de Dionísio Areopagita ou Nicolau de Cusa. Também o Deus moral atacado por Nietzsche não é o ser supremo sustentador da realidade, como Heidegger imagina o Deus da metafísica. Todavia, sempre e em toda parte, ‘Deus’ conota algo aparentado: aquilo que determina a realidade toda, com princípio ordenador <<supremo>>...”.(...) A maioria das religiões apela ao aparecimento de Deus que, em si, é um Deus oculto e possuidor de muitos nomes. Destarte a reflexão leva-nos automaticamente a analisar as religiões concretas que procuram fornecer resposta teórica e prática à indagação sobre o sentido de Deus e homem (...)

Descoberta Científica (1935) e do epistemólogo norte-americano Thomas Kuhn (A Estrutura das Revoluções Científicas, 1962) a noção de “novo paradigma”.

Kuhn introduz na teologia a “teoria dos paradigmas”, desenvolvendo uma reflexão epistemológica do ‘ecúmeno eclesial’ como parte do ‘ecúmeno mundial’.⁵⁵ Em seu grande projeto ético mundial (*Projekt Weltethos* – 1990) propõe um projeto ecumênico de paz ou uma teologia ecumênica de paz. Neste *Projekt Weltethos*, Küng afirma que “não pode haver convivência humana sem um “ethos” mundial das nações; não pode haver paz entre as religiões sem o diálogo entre essas mesmas religiões”.⁵⁶ Na questão do novo paradigma religioso ecumênico trata-se de compreender as mudanças intelectuais, sociais e religiosas em que o discurso sobre Deus vai tomando “formas”. Ainda que não nos moldes feministas, Küng aponta esse novo caminho em que o velho paradigma ocidental iluminista, assumido por filósofos, teólogos e Igrejas cristãs, principalmente na Europa, está em via de mudança. Antecipando, porém, em Hans Küng, há duas afirmações que ajudam a elaborar cientificamente o discurso sobre o ecumenismo:

a) “muitos problemas do diálogo com as religiões não-cristãs estão na própria religião cristã”.⁵⁷

b) “o critério ecumênico é duplo: o critério *Humanum* e o critério especificamente cristão; o *Humanum* e o Evangelho. Mas, o Evangelho, como as diversas religiões formadas individualmente, está a serviço do *Humanum*. Disso segue que o *Humanum* é o critério ecumênico fundamental:

55 Küng in GIBELLINI. 1998. p. 503-506.

56 Op. cit. p. 505.

57 KÜNG, Hans. 1.976. p. 94.

‘Não deveria ser possível, evocando a humanidade comum de todo ser humano, formular verdadeiro critério ecumênico fundamental, ético-universal no Humanum, quer dizer, no que é realmente humano, concretamente a respeito da dignidade humana e nos conseqüentes valores fundamentais’.⁵⁸

Portanto, passa-se aqui da compreensão de Khüng, para o teólogo/poeta D. Pedro Casaldáliga que propõe hoje uma concepção ecumênica das religiões e de Deus:

“As Religiões deverão pôr-se de acordo, em nome de Deus da Vida, do Universo e da Paz, para o serviço comum das grandes causas da humanidade, se quiserem ser religiões humanas, expressões plurais, as mais profundas, da alma da mesma Humanidade. Essas causas vitais são a comida, a paz, a saúde, a educação, a moradia, todos os direitos humanos, os direitos dos povos e as exigências da ecologia”...⁵⁹

Assim como os sociólogos da Religião, especialmente Mircea Eliade, Rudolph Otto, Max Weber, Pierre Bourdieu, Émile Durkheim etc., já estudaram e analisaram as religiões e sua influência social, os ritos, os mitos, os deuses, os totens (Durkheim), as Igrejas cristãs primeiramente e depois a Igreja Católica começam a interessar-se pelo estudo de outras religiões e uma possível aproximação entre as mesmas. Entre os marcos referenciais das religiões, no caso de aproximação ecumênica estão:

- o respeito entre as religiões;
- o diálogo – também chamado nas Igrejas cristãs de diálogo inter-religioso;
- a concepção de Deus;

58 Op. cit. p. 518.

59 REVISTA DA ARQUIDIOCESE. 2000. p. 50.

- os encontros internacionais de oração, de estudos e de busca da Paz Universal;
- a influência da Religião na vida humana e nas sociedades e vice-versa.

Todas estas concepções e interpretações também se encontram na teologia da libertação, elaborada na América Latina neste último século. Neste próximo ponto tratar-se-á sobre a contribuição da teologia da libertação sobre o ecumenismo antropológico.

2.2 – Teologia da libertação

A teologia da libertação surge na América Latina no final dos anos 50 e se torna uma grande alternativa de compreensão e de reflexão da fé. Usa como mediações várias ciências, especialmente a sociologia e a antropologia.

A partir de 1990, a teologia da libertação vem ampliando seu discurso teológico motivada pela explosão de movimentos religiosos surgidos no final do milênio. O que implica na questão da queda da modernidade e no surgimento denominado por muitos de pós-modernidade. Teólogos como Leonardo Boff e João Batista Libânio inserem a influência do discurso pós-moderno nesta teologia.

Assim, Libânio ressalta que o lado mais promissor da pós-modernidade são os novos movimentos sociais ecológicos, feminista, pacifista e das etnias. Pois, ao mesmo tempo, eles criticam a modernidade, nas suas expressões desumanas, como oferecem alternativas positivas e viáveis. A pós-modernidade critica também o atual sistema moderno, não tanto na linha proposta, como na da resistência violenta e não violenta⁶⁰. Libânio, citando Leonardo Boff⁶¹, observa que dentro da pós-modernidade pode surgir um novo paradigma para buscar um novo sentido para a vida humana tão niilista e descrente nesta contemporaneidade. Citando ainda o exemplo da preocupação ecológica e do compromisso de transformação social, o próprio Libânio comenta que a religião pode imprimir um caráter místico e existencial, dando mais vigor e sentido nas lutas e transformações que ocorrerem hoje na sociedade. O Sagrado pode se tornar uma vertente e um alimentador de resistência e mudança.

Uma das principais contribuições da teologia da libertação ao movimento ecumênico latino-americano e mundial foi a reflexão sobre a inculturação da fé cristã pela via do catolicismo popular que se baseia, desde o período da colonização, na devoção aos santos e nas festas religiosas e, nos últimos tempos, na perspectiva de vivência da fé pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

60 Cf. CALIMAN, Cleto. 1998. p. 65-68. Paralelo a Libânio, Steven Connor; teórico estudioso da pós-modernidade, analisa e percebe que esta nova suposta condição que a humanidade está atravessando é o momento da crítica à modernidade a seu projeto (Lyotard) e valoriza as minorias sociais dando ênfase ao ecletismo e ao pluralismo relativista: CONNOR, Steven. Cultura Pós-Moderna: introduções às teorias do contemporâneo. Loyola: São Paulo, 1996.

61 Op. cit. p. 70.

Leonardo Boff afirma que o aparelho eclesiástico cumpriu, ao longo da história da América Latina, um percurso de evangelização ligado diretamente ao poder dominante sem respeito às culturas que aqui se encontravam e sem respeito aos negros, trazidos como animais da África.

A expressão de fé e devoção do catolicismo popular têm uma característica ecumênica que se dá na resistência e na libertação política do povo. Apesar de que todo o popular tem uma introjeção de dominação, Leonardo Boff afirma que:

“O catolicismo popular tem como sujeito de sua construção não o clero e o aparelho eclesiástico, mas o povo, os leigos, os devotos. Ele assumiu a cultura popular; sem controle por parte da Igreja oficial pode se inculturar no universo das representações populares; por isso é mais autêntico; representa uma criação original do povo cristão em nosso continente⁶²”.

E, para justificar este ecumenismo antropológico, pode-se ainda encontrar na teologia da libertação de Leonardo Boff a afirmação de que hoje a Igreja, ligada ao catolicismo popular, encontrou nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) uma verdadeira eclesiogênese. Ou seja:

“Uns modelos novos de Igreja, nascendo da fé do povo pelo Espírito de Deus dentro da miséria, já não mais aceita, mas rejeitada por uma prática libertadora. A Igreja dos pobres ou também chamada Igreja da base é uma realidade histórico-social. Esta reflexão revela um novo modo de ser cristã, a emergência de uma nova cultura que se constrói no diálogo entre fé e povo, entre evangelho e justiça social. Ela trará sua colaboração ao processo mais global que se está gestando em todo o Continente⁶³”.

62 BOFF, Leonardo. 1991. p. 34.

63 Op. cit. p. 34-35.

A colaboração da teologia da libertação neste ecumenismo antropológico é clara, pois a mesma só tem razão de ser enquanto reflexão da prática evangélica da Igreja dos pobres. Este diálogo entre fé e vida, entre evangelho e justiça social é a base do ecumenismo antropológico latino-americano. A teologia da libertação nasce ecumênica, pois faz uma opção preferencial pelo pobre que não é somente o pobre cristão, mas o pobre em toda a realidade social e nasce também como força dinamizadora da luta pela paz e pela justiça social.

O discurso ecumênico da teologia da libertação ultrapassa, por assim dizer, o discurso religioso da modernidade quando propõe uma ligação da fé com a transformação social.

A modernidade com seu intuito progressivo vislumbrou o possível desaparecimento da religião e da experiência religiosa. A modernidade principalmente com o seu Aufklärung, visualizou um mundo cujos homens puderam existir sem qualquer interpretação religiosa, pois estes, através do uso da razão, da ciência, libertariam e promoveriam totalmente a humanidade para um campo de felicidade e progresso. Assim mesmo, alguns teólogos da libertação atentam para a questão da experiência religiosa hoje que ainda sofre as conseqüências da modernidade ou até mesmo do que se chama pos-modernidade. A teologia da libertação não perde seu discurso, mas analisa, sob a ótica do pobre, as experiências religiosas pos-modernas e a emergência do sagrado nestas sociedades. O que poderia ser realmente aplicado ao

ecumenismo, segundo a teologia da libertação, seria este novo paradigma religioso de um ecumenismo planetário, ecológico, holístico e de paz.

Alguns teóricos, entre eles F. Lyotard, Adorno, Habermas e outros evidenciam um novo momento em que o Sagrado e a experiência religiosa voltam a ter um papel de destaque na sociedade. Depois do período cético moderno, da procura moderna da autonomia da razão, esta se vê criticada pelos seus atos e muitas vezes pelo fracasso⁶⁴, na bandeira que se levantava pela emancipação do homem. Na sociedade contemporânea, a autonomia da razão foi posta em “xeque” e a experiência religiosa, juntamente com a crença no Sagrado ou Divino, consegue retornar como uma possibilidade para responder às questões e aos problemas que a humanidade enfrenta atualmente. Porém, José Batista Libânio observa que na contemporaneidade - ou mesmo como ele utiliza, pós-modernidade - existem basicamente três formas de expressão religiosa.

A primeira forma Libânio considera como sendo festiva. A pós-modernidade apropria-se do “triunfo” da modernidade enquanto esta forneceu o desenvolvimento industrial, tecnológico, e científico, produzindo um “bem estar” nas sociedades desenvolvidas. Na pós-modernidade, com o sistema neoliberal o consumismo exacerbado, produziu-se uma desigualdade social e cultural gritante, em que uma pequena parcela da sociedade desfruta de uma interminável quantidade de bens e uma maioria se encontra destituída disto.

64 Autores como Adorno, Horkheimer, Habermas, Lyotard afirmam que a razão fracassou no seu intento de emancipação do homem e apresentam a Segunda Guerra Mundial, com Auschwitz a grande vedete do fracasso. Pode-se encontrar isto nas obras *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer e *o Pós-Moderno Explicado Às Crianças*, de François Lyotard.

Tudo isso produz uma crise de valores. A religião se torna então uma aliviadora de consciências:

“E qual a solução? Recorrer á religião para cumprir o papel de saneamento cultural e proteção econômica. Daí a importância do papel da religião para essa época festiva”.
(...) A volta á religião, como integradora da ordem social, garante a continuidade do sistema econômico nas gerações seguintes. Consegue-se articular a integração ao sistema com a salvação individual”.⁶⁵

A religião passa a ter uma utilidade terapêutica e ideológica, transformando o Sagrado num legitimador do sistema burguês neoliberal.

Outra forma, segundo J. B. Libânio, é a pós-modernidade decepcionada e cética. Diante da crise que se instaurou, principalmente pela racionalidade instrumentalista e pelo capitalismo, produzindo desigualdades, desesperanças, crises de valores e culturais, a religião pode cumprir um papel de alienação, produzindo nas pessoas resignação diante dos fatos, fazendo com que estas se acomodem e contribuam para a manutenção do sistema. “Mais. Ela oferece segurança e paz contra a insegurança e angústia do futuro. Exerce um papel escapista. Exatamente o que Marx chamava de “ópio do povo”. E, para tanto, promete até uma outra vida melhor nessa terra pela via da reencarnação. (...)”⁶⁶.

Existe uma espécie de “remédio” nessa posição, pois utilizam-se como que “analgésicos” nas pessoas para não se produzirem radicais transformações sociais.

A terceira forma que Libânio apresenta para a experiência religiosa na “pós-modernidade”, é o lado crítico que esta desenvolve. Diante das

65 Libânio in CALIMAN, Cleto. 1.998. p. 65.

66 Op. cit. p. 67.

estruturas econômicas que o capitalismo ocidental criou, juntamente com a racionalidade instrumental, a pós-modernidade se insurge em alguns momentos provocando reações contra a instrumentalização moderna, procurando uma maior subjetividade e uma integração emocional e intelectual.

A religião pode entrar no jogo da competição e tornar-se num “mercado de fé”.⁶⁷ Desenvolve-se uma relação competitiva entre instituições religiosas para angariar fiéis e riquezas. A religião, como Libânio evidencia também, pode contribuir para desmitificar o mito do progresso, da liberdade, da emancipação do homem, que a modernidade tanto afirma, pois muda o eixo de sustentação do material para o espiritual.

A forma de expressão religiosa crítica da modernidade, segundo Libânio, tem umas grandes relevâncias utópicas, alimentadoras de esperança, buscando uma integração fraterna e universal. (...) Talvez menos na sua forma crítico-social do capitalismo a partir de anseios socialistas e mais articulados aos movimentos ecológicos, pacifista, etnia e de espiritualidade. Pensa-se em dimensão planetária. Fala-se de ecossocialismo (...)⁶⁸.

Outro pensador Angel Castinêira observa que na pós-modernidade há espaço para uma experiência de Deus. Esta experiência implica vários fatores e situações em que o ser humano possa estabelecer com o Absoluto, com o Sagrado, com Deus.

O homem estabelece a relação com o sagrado sem perder a “categoria de sujeito”⁶⁹ mantendo-se com tal identidade, pois pela intersubjetividade o sujeito se completa e na relação com o Sagrado isto será

67 Cf. CALIMAN Cleto. 1998. p. 70.

68 Op. cit. p. 72.

muito benéfico. Há, porém, uma mudança no eixo racional na qual a razão, depois de Descartes, deve aprender e apreender tudo e todos, para uma razão mais humilde e serviçal: (...)

“de uma razão que capta e explica, para uma razão que escuta e acolhe; de uma vontade que domina, para uma vontade que aceita e reconhece de uma liberdade que escolhe e dispõe, para uma liberdade que se entrega (...) Para que Deus possa ser afirmado como Deus, o sujeito deve renunciar a ser o protagonista (único) da relação”.⁷⁰

Como a relação com Deus necessita de respeito ao outro (a), da mesma forma o ecumenismo está calcado nesta mesma afirmação do respeito, da abertura e da diferença.

Na relação pessoal e intersubjetiva de Deus e o homem, deve coexistir um respeito e uma abertura constante, por parte do homem. Nesta entrega o homem deve estar ciente de que ele não perde sua identidade e liberdade, que não é uma realidade escravizadora, mas que abre novos horizontes para sua vida. Conforme Castiñeira, “Esse traço em relação pessoal religiosa é o que permite distinguir entre adoração e idolatria, entre entrega autenticamente libertadora à realidade absoluta e entrega verdadeiramente escravizante a uma realidade artificial”.⁷¹

O mesmo autor ressalta que a experiência cristã aproxima o homem a Deus. Cristo, o Filho de Deus encarnado, estabeleceu essa proximidade ao

69 CASTIÑEIRA, Àngel. 1.997. p.179.

70 J.M. Velasco citado por Castiñeira. p. 180.

71 CASTIÑEIRA, Àngel. 1997. p. 181.

conviver no meio da humanidade, por uma autêntica liberdade por parte do Absoluto.

Eis a razão segundo a qual Àngel Castiñeira deve estar ciente de que não consegue “encerrar” Deus, pois este “ultrapassa a capacidade definitiva de nossa razão”⁷². As imagens de Deus e os discursos sobre Ele, portanto têm que estar sempre revistos e corrigidos, já que a razão muitas vezes tem a tentação de absolutizá-los. A reciprocidade da confiança, Deus-homem, é muito importante para o intento dessa relação. Na realidade cristã, Deus confiou no homem, quando se manifestou em Jesus de Nazaré⁷³, o homem sem egoísmo com sua liberdade “sai de si mesmo ao encontro de Deus porque previamente sentiu-se encontrado”.⁷⁴

Contraopondo os temas do desenvolvimento e libertação, Gustavo Gutiérrez (1.928...) no seu livro “Teologia da Libertação” (1.972) inaugura um momento novo no cenário da teologia latino-americana. Com um referencial histórico e da práxis se lê o Evangelho numa perspectiva de libertação comunitário-social, que também poderia se designar perspectiva ecumênica antropológica.

Quanto à concepção de Deus, buscado na Bíblia, especialmente no Evangelho, Gutiérrez diz que:

“O Deus da Bíblia é um Deus próximo, de comunhão e de compromisso com o homem. A presença ativa de Deus no meio de seu povo faz parte das mais antigas e persistentes promessas bíblicas. Seja no quadro da primeira aliança: “Habitaréi no meio dos filhos de Israel e serei para eles Deus. E reconhecerão que eu sou Javé, seu Deus” (Ex 29, 45-46 ; 4 e Lev 26, 11-12); seja no anúncio da Nova Aliança: “Junto a eles estará minha morada, serei seu Deus e eles serão o meu povo.

72 Op. cit. p. 182.

73 Op. cit. p. 184.

74 Op. cit. p. 184.

E saberão as nações que eu sou Javé, que santifico a Israel, quando meu santuário estiver para sempre no meio deles” (Ex 37,27-28) (...)

De vários modos ao longo da história cumpre-se a promessa dessa presença, para atingir sua plenitude sob uma forma que supera toda a expectativa: Deus fez-se homem. Doravante, a presença de Deus far-se-á, ao mesmo tempo, mais universal e integral...⁷⁵

Partindo da concepção de que Deus é aquele que está presente na história, a teologia da libertação também proclama que a humanidade é templo de Deus. Deus está presente transcendente e imanente, mais que isto, historicamente na vida da comunidade que crê e que luta pela justiça⁷⁶. E numa comunidade que crê e luta pela justiça está aberta ao outro (a) não importando sua religião, mas compreendendo que todos são filhos de Deus e que o seu plano salvífico é para todos. A fé em Deus tem, portanto, uma dimensão não somente individual, mas comunitária e ecumênica. A justiça não deve ser feita somente para os batizados, mas para todos.

Andrés Torres Queiruga, outro teólogo da “Libertação” aponta que a modernidade com suas conseqüências obrigou a um novo jeito de perceber e experimentar a relação Deus-mundo e vice-versa. Diante da modernidade avassaladora com sua autonomia e projeto, se faz necessário refletir sobre uma nova imagem de Deus, para enfrentar a própria modernidade.⁷⁷

A acentuação da Teologia da Libertação na fé popular é também uma das bases para a concepção universal desse Deus presente na história e na vida dos homens, bem como para a prática ecumênica. Todo o que crê e pensa sua

75 GUTIÉRREZ, Gustavo. 1.975. p. 158.

76 Op. cit. p. 158-170.

77 QUEIRUGA, Andrés Torres. 1998. p. 11-13.

fé é de certo modo teólogo...Todo povo de Deus faz teologia. E o faz além da oralidade, por gestos e por símbolos. É uma teologia falada a teologia popular⁷⁸.

Na mesma linha da concepção de Deus que está do lado do pobre e são os primeiros destinatários de sua mensagem, Leonardo Boff escreve que Deus é o Deus dos pobres. E, nossa perspectiva, a aplicação da teologia da Libertação ou a Evangelização se mistura com a concepção desse Deus-Pai que se encarna em Jesus histórico que em sua prática parte sempre da realidade social do povo. Segundo Boff,

“Uma evangelização que não unir fé e vida real, que não souber inserir em seu discurso de Deus a pluriforme dramaticidade da existência, acaba por alienar e tornar-se historicamente irrelevante; não tem quase nada a dizer porque não torna a sério aquilo que é para a vida sério e importante...”.⁷⁹

Deus é Deus da vida e Jesus é portador de vida e de vida em abundância (cf. Jo 10,10). Um Deus que age na história a favor do pobre revela sua natureza, afirma Boff: “É no pobre que percebemos a natureza de Deus: não um ser desligado de nossas misérias, mas um Deus que escuta o grito do oprimido, um Deus que age na história construindo seu Reino para os homens e as mulheres em liberdade”⁸⁰.

E o Reino de Deus compreende todos os povos e nações, toda a OIKOUMENE.

Trabalhando o lado crítico da pós-modernidade, Leonardo Boff apresenta emergência de um novo paradigma religioso, onde não somente a concepção do Deus cristão é apresentado, mas as possíveis alternativas viáveis

78 BOFF, Leonardo. 1.986. p. 30-32.

79 BOFF, Leonardo. 1.991. p. 87.

e positivas de Ecumenismo espiritual, ecológico, político, social e humano⁸¹. Portanto, para Boff, assim como para vários outros teólogos como Küng, Marcelo Barros, Faustino Teixeira e tantos outros, o ecumenismo apresenta um leque de abertura, que não se poderia hoje pensar mais num ecumenismo somente entre as religiões. Assim sendo, o ecumenismo pode ser entendido mais como prática do que como teoria. Marcelo Barros afirma que “é preciso caminharmos para um ecumenismo que seja realmente universal, tanto no sentido da busca da comunhão com outras religiões e culturas como com a natureza e a energia do universo”.⁸² Esta concepção ecumênica se encaixa, portanto, na concepção do novo paradigma religioso.

O próprio Leonardo Boff que - desde o início dos anos 90 – vem trazendo uma reflexão sobre o novo paradigma religioso ecumênico em que se mostram também novos discursos sobre Deus, inclui a concepção de Rudolph Otto: Deus tem mil nomes:

“Mas há uma experiência testemunhada desde os primórdios da hominização, a do Numinoso e do Divino no universo, na vida e na interioridade humana. Como não reconhecer por trás das leis da natureza um supremo Legislador? Como não admitir na harmonia dos céus a ação inteligente de uma infinita sabedoria, e na existência do universo a exigência de um Criador?”.

O ser humano chama essa Suprema Realidade com mil nomes ou simplesmente dá-lhe o nome de Deus. Sente que Ele arde em seu interior na forma de uma presença que o acompanha e o ajuda a discernir o bem e o mal. O elã vital o leva a crescer, a trabalhar, a enfrentar obstáculos, a alcançar seus propósitos e a viver com esperança. Esse elã está no ser humano, mas é maior que ele. Não está em seu poder manipulá-lo, criá-lo ou destruí-lo. Encontra-se à mercê dele. Não é isso um indício da presença de Deus em seu interior?⁸³

80 Op. cit. p. 89.

81 Os livros mais trabalhados por Leonardo Boff na década de 90 são Ecologia, Mundialização e Espiritualidade. A emergência de um novo paradigma. 1993; O Encantamento do Humano. Ecologia e Espiritualidade. 1.991; Nova Era: A Civilização Planetária. Desafios à sociedade e ao cristianismo. 1.994; Ecologia: Grito da terra, Grito dos pobres. 1.995.

82 BARROS, Marcelo. 1997. p. 84.

83 BOFF, Leonardo. 1999. p. 150-151.

A emergência de Deus, segundo L. Boff, nos últimos anos é completamente irreversível. Numa civilização de caráter planetário Boff afirma a teoria do Panenteísmo que se distingue do Panteísmo. Ou seja, Deus (a) é o (a) Deus (a) de todas as religiões e toda a humanidade e de todas as coisas. O Panenteísmo não é “tudo é Deus” mas “Deus está em tudo”. A paz e a beleza, a alegria e o amor, a compaixão e o cuidado são prerrogativas religiosas de toda a humanidade.

L. Boff busca na mística e espiritualidade brasileira a contribuição para a nova concepção do ecumenismo e de Deus no cristianismo, nas culturas e nas religiões:

“A nova etapa civilizatória da mundialização propicia o encontro de todas as religiões e das tradições espirituais. Se o cristianismo souber ler a presença de Deus em todas elas, se renunciar à sua pretensão de deter o monopólio da verdade religiosa e entrar num diálogo com as tradições espirituais, no sentido de preservar o que há de mais sagrado no seres humanos, isto é, sua abertura infinita para Deus, e caso se deixem assimilar pelas múltiplas culturas humanas para sínteses originais, então ele, o Cristianismo, poderá realizar sua catolicidade intrínseca como jamais antes”.⁸⁴

Novo paradigma? Novo Homem, Nova Mulher e Nova compreensão de Deus (a), firmados na esperança e na mística de relação e convivência da Nova Civilização planetária. Em seu livro “Saber Cuidar”, L. Boff afirma: “Precisamos de um novo paradigma de convivência que funde uma relação mais benfazeja para com a Terra e inaugure um novo pacto entre os povos no sentido de respeito e de preservação de tudo o que existe e vive. Só a partir desta

84 BOFF, Leonardo. 2000. p. 93.

mutação faz sentido pensarmos em alternativas que representem uma nova esperança”.⁸⁵

Como já foi dito acima, a questão do novo paradigma religioso se situa ainda bastante fora das instituições religiosas e sociais. Ele se relaciona no nível de uma espiritualidade que cria alternativas para as vivências das relações e das relações humanas e da civilização planetária. Neste novo paradigma religioso situa-se também a teologia feminista que vem com uma proposta de descentralização dos poderes patriarcais desde as concepções bíblicas vétero-testamentárias até a atual compreensão das instituições religiosas.

2.3 - A Teologia Feminista Como Espaço e Lugar do(a) Outro(a).

Não há como negar uma grande contribuição da teologia feminista ao ecumenismo, seja ele oficial ou antropológico. Mais ainda, no ecumenismo antropológico. Ao falar da resistência da mulher e de sua capacidade de vivenciar a fé em meio ao modelo de teologia hierárquica patriarcal, a teologia feminista retoma as relações de fé e de vida não somente na ótica dos pobres, como faz a teologia da libertação, mas a partir de todos os oprimidos social e religiosamente.

85 BOFF, Leonardo. 1999. p. 17-18.

Nas mudanças ocorridas no século XX nos campos sociais, econômicos, políticos e religiosos ha uma parte significativa da reflexão e da presença das mulheres. No campo religioso a teologia feminista avançou na reinterpretação da Bíblia e na busca de igualdade nas decisões. Esta teologia abre uma vertente ecumênica de dialogo com outras religiões na expectativa de mudança da compreensão e presença de Deus na historia humana.

Sem escrúpulos de considerar a manifestação feminina do sagrado nas mais variadas religiões, a teologia feminista analisou a fundo os mitos de origem das religiões que fizeram parte das primeiras civilizações, revelando a presença feminina de Deus em culturas que remontam a 30.000 anos. Este estudo das religiões desencadeou uma série de interpretações bíblicas e teológicas. O estudo dos primórdios do judaísmo apresenta para esta teologia a oficialização do sistema social e religioso do patriarcado, no qual Deus é adorado segundo as tradições patriarcais⁸⁶.

A teologia feminista colabora com a compreensão ecumênica quando reivindica a presença do divino no humano total e exige uma reorganização do mundo, uma nova partilha de tarefas, um novo sistema de divisão do trabalho, um equilíbrio da presença masculina e feminina nos diferentes ambientes e setores da vida humana, uma presença nas decisões religiosas⁸⁷ enquanto considera que há uma revolução de caráter mundial que está se operando na história.

86 RUETHER, Rosimary R. 1993. p. 46–56.

87 GEBARA, Ivone. 1992. p. 28-29.

Ivone Gebara, teóloga feminista brasileira, apresenta um panorama espiritual e ecumênico de relações antropológicas e mundiais ao afirmar o lugar e o papel da mulher na história:

Deus está em nós e fora de nós. Deus é aquele que nos chama em nós, que pede que nos amemos, que nos chama a partir do nosso próximo, daquele que nos faz sair de nós mesmos para tornar presente na história a infinita misericórdia de Deus... É hora de ousar de viver Deus como mulher, de dizer sua experiência, diferente talvez, mas absolutamente necessária para a manifestação da multiforme energia divina presente na humanidade⁸⁸.

A teologia feminista contribui com o ecumenismo de uma maneira muito particular intercalando a prática cristã e a prática das relações respeitadas e equilibradas entre homem e mulher. Porém, se mostra consciente de que está tratando de uma questão social e religiosa ainda de cunho e de espaço marginal.

Na análise da modernidade, feita recentemente por críticos sociais e culturais, a crítica feminista é tida como tentativa de explorar e articular espaços marginais. A esse movimento feminista Alice Jardine denomina “ginese”:

“Fornecer uma nova linguagem a esses outros espaços é um projeto pleno tanto de promessas como de temores... porque esses espaços permaneceram até agora desconhecidos, terrificantes, monstruosos: são loucos, inconscientes, impróprios, impuros, sem sentido, orientais, profanos se deseja questionar esses espaços, a filosofia tem de afastar-se de tudo o que os tem definido – O Homem, O Sujeito, a História, O Sentido – e colocá-los em seu lugar”⁸⁹.

88 Op. cit. p. 48-49.

89 Lourdes, Methem. 1985. p. 73.

Julia Kristeva vai até mais além e diz que toda a ordem falocêntrica, que define a mulher como marginal, deve ser abalada em seus alicerces⁹⁰.

Ao falar de ordem falocêntrica automaticamente remete-se à concepção de sagrado e de religião que, por sua vez, se apresenta, de maneira contundente e diversa em um dos pilares da religião que é concepção de Deus. A questão é polêmica. Mas enfrentar o desafio de desconstrução e de descontinuidade do saber, como diz Foucault, é uma tarefa dos tempos atuais. Por isso, a literatura e a teologia feminista desempenharam e desempenham um papel fundamental na concepção de Deus e do ecumenismo no cristianismo, especialmente na Igreja Católica.

Zilda Fernandes Ribeiro em seu livro, *A Mulher e seu Corpo*, apresenta uma abordagem teológica (“ato segundo”) a partir da teóloga feminista Carter Heyward: “Será que a teologia não pode representar a experiência de vida ou os compromissos de fé, os valores de mais ninguém, além dos da pessoa que a faz?, pergunta Carter. De modo algum, responde ela, significa que a universalidade, em um ato teológico, está enraizada, tanto na profundidade e integridade das experiências particulares de Deus que ela envolve, como na abertura ao desejo dos Teólogos (as) de dialogar e compartilhar novos discernimentos e mudanças nas percepções e nos sistemas”.⁹¹

Zilda Fernandes, que partilha da teologia feita na ótica feminista como contribuição à “dimensão inacabada da Teologia” (L. Russel 1974), em vista de uma autêntica teologia da integralidade (Whole Theology – Nelle Morton, 1.971), esboça sua concepção de Deus e afirma onde está enraizada tal

90 Idem. p. 150.

91 RIBEIRO, Zilda Fernandes. 1998. p. 170.

teologia: “Tal teologia está enraizada na fé em um Deus justo. Para alguns e algumas feministas, Deus é a fonte de justiça, para outros (as), Ele é o fazedor da justiça; para outros (as) é a justiça: Deus é justiça. Estas posturas podem refletir interpretações naturais, morais e humanistas, embora, entre muitas teólogas (os) feministas, não exista separação, e em alguns momentos não haja diferença entre as assim chamadas categorias naturais e morais”.⁹²

A mesma Zilda Fernandes afirma que a teologia feminista é ecumênica e vai além da teologia da libertação da América Latina, pois enfoca hermeneuticamente o corpo humano físico com “relações/conexões” de “caráter dinâmico e mutável das relações”; “A natureza (o ser) de Deus deriva da atividade (o fazer) de Deus”⁹³, e acrescenta, retomando H. Carter, que uma das maiores dificuldades da teologia feminista está na concepção machista de Deus:

“Enquanto permanecermos, de qualquer modo, comprometidas com nossas tradições religiosas – judias, cristãs, e outras predominantemente masculinas – as teólogas feministas compartilham uma vocação de suportar, tão criativamente quando podem, as contradições entre o compromisso de nossa fé e a teologia, as práticas e ensinamentos de nossas variadas filiações religiosas. Por exemplo, uma das difíceis tensões que encontram as feministas cristãs é a que se produz entre nossa experiência de vida como mulheres e a doutrina, a disciplina e o culto de uma igreja fundada em suposições masculinas sobre a encarnação de um Deus feito homem, junto governam um Reino, na qual o poder é “naturalmente” enviado do alto para baixo – e somente quem se submete à onipotência e onisciência de um Pai é que sabe mais. O Criador e o Redentor são experimentados e conceitualizados, explicitamente, como seres à imagem dos homens”⁹⁴

92 Op. cit. 1998. p. 172.

93 Op. cit. p. 172-173.

94 Op. cit. p. 174.

Mesmo que não se conheça e que não se relate aqui toda a literatura feminista, a nova concepção de Deus, que não tem um NOME DEFINIDO como diz R. R. Reuther, nos encaminha também à compreensão do novo paradigma no que diz respeito a Deus ao ecumenismo e à Religião na pós-modernidade.⁹⁵ E Reuther afirma que: “Deus é pessoa sem ser imaginado papéis sociais existentes. O ser de Deus é aberto, apontando tanto para o que é quanto para o que pode ser...Deus é tanto masculino e feminino quanto nem masculino nem feminino. Necessita-se de uma linguagem inclusiva de Deus que recorra às imagens e experiências de ambos os sexos”.⁹⁶

E na compreensão feminista de Deus Reuther acrescenta que:

- a) toda linguagem usada para falar de Deus é analógica;
- b) a linguagem – patriarcal judeu-cristã sobre Deus, extraída da realeza e do poder hierárquico precisa perder seu lugar privilegiado de justificação da dominação masculina e subordinação feminino;
- c) o modelo de Deus como “Parente” – do moderno cristianismo burguês – precisa ser questionado. “Deus Mãe-Pai” apontam para trás, são “símbolos de raízes” e têm “ressonância negativa”, é “infantilismo espiritual”.⁹⁷

“Deus(a) é o fundamento de nosso novo ser (...) leva-nos, antes, ao centro convertido, à harmonização do eu e do corpo, do eu e do (a), do eu e do mundo. É o Shalom do nosso ser (...) Não temos um nome adequado para o (a) verdadeiro(a).

Deus (a), o (a) ‘eu sou aquele (a) que me tornarei’. Indicações do seu nome aparecerão à medida que sairmos de formas errôneas de nomear Deus (a) modeladas com base na alienação patriarcal”.⁹⁸

95 REUTHER, Rosemary Radford. 1993. p. 45-65.

96 Op. cit. p. 61.

97 Op. cit. p. 64-65.

98 Op. cit. p. 65.

A Teologia Feminista com sua nova linguagem visão e abordagem de Deus, valoriza e resgata o valor da presença feminina nos espaços religiosos e abre um filamento correlato ao espectro ecumênico inter-racial e de inclusão de toda a pessoa humana na vivência e na prática do Evangelho.

Normalmente a teologia feminista procura explicitar e elucidar o significado da fé a partir do ponto de vista da mulher e de sua própria existência.⁹⁹

Reforçando o que já foi dito acima, as mulheres têm dado, no final deste último século, uma importante contribuição para o estudo da religião, especialmente para a teologia cristã.

Na prática evangélica das comunidades religiosas, incluindo as CEBs na América Latina, são as mulheres que estão presentes com reflexões, lideranças e trabalhos pastorais. Realizam ações em diversos níveis que elucidam suas resistências proféticas, evangélicas e sua prática ecumênica. Esta prática ecumênica antropológica é visível pela grande incidência de participação das mulheres no dia a dia das comunidades, na participação dos ministérios leigos após a abertura do Vaticano II.

As pesquisas analisadas nesta dissertação revelam que as mulheres ocupam mais de 60% das 301 respostas sobre experiências ecumênicas, São leigas e Religiosas que atuam diretamente nos trabalhos pastorais das comunidades e nas coordenações e ministérios comunitários.

99 Cf. JOHNSON, Elizabeth A.1995. p. 29.

CAPÍTULO 3:

A PRÁTICA DO ECUMENISMO NA ARQUIDIOCE DE GOIÂNIA

3.1 – Ecumenismo Antropológico

Para apresentar os espaços onde se manifesta o ecumenismo em Goiânia, são analisadas e demonstradas duas pesquisas cujos resultados são apresentados e comentados neste capítulo.

A primeira, denominada de **Pesquisa Ecumênica (Pesquisa I)**, foi realizada em 11 de novembro de 1999, ocasião em que a Equipe Ecumênica da Arquidiocese de Goiânia coordenou uma das Manhãs de Pastoral¹⁰⁰ sobre a temática do ecumenismo, sob a assessoria do Bispo Anglicano Dom Almir. Nesta Manhã de Pastoral foi elaborada uma questão sobre prática ecumênica. A questão elaborada era: **Qual a minha experiência sobre ecumenismo?** Resultando, portanto, em 301 respostas, conforme anexo nesta dissertação.

O público que respondeu a esta pergunta é formado por Agentes de Pastoral (Padres, Religiosos/as e Leigos/as) que atuam na prática pastoral das Comunidades eclesiais – Paróquias e CEBs – da Arquidiocese de Goiânia.

A segunda pesquisa que será aqui analisada e demonstrada, denominada de **Relatos de Experiências Ecumênicas (Pesquisa II)**, foi elaborada nos dias 6 e 7 de maio de 2000 na Arquidiocese de Goiânia, por ocasião de um Curso de Formação para agentes de pastoral sobre a Campanha da Fraternidade de 2000, promovida todos os anos pela Conferência Nacional

¹⁰⁰ Manhãs de Pastoral são as assim chamadas grandes reuniões mensais (sempre com mais de 350 pessoas) da Arquidiocese de Goiânia com agentes de pastoral leigos, padres e bispo. Acontecem há mais de 30 anos todas as segundas quintas-feiras de cada mês. São refletidos os grandes temas teológicos e pastorais, bem como a conjuntura sócio-política-econômica da realidade brasileira e mundial.

dos Bispos do Brasil (CNBB)¹⁰¹. O curso foi ministrado pelo Assessor de Ecumenismo da CNBB Padre Gabriel Cipriani.

A Equipe Ecumênica Arquidiocesana cedeu estas respostas para uma verificação analítica, as quais finalmente tornaram-se as bases centrais desta pesquisa de Mestrado.

Para obter os resultados da pesquisa foram aplicados os critérios usados no método da analogia: o critério da verificação experimental e o critério hermenêutico da ortopraxis. Não é utilizado, nesta análise de pesquisa, o critério de verificação estatística. Apesar de alguns gráficos mostrarem certa percentualidade, assim mesmo se aplica o critério da verificabilidade experimental.

O critério de verificação experimental, aqui aplicado, procura delimitar as variáveis que dão ou não a mostra geral do que se propõe como objeto a ser estudado. Ou seja, as respostas dos agentes de pastoral sobre suas experiências ecumênicas confirmam ou não as mesmas propostas do ecumenismo antropológico.

O critério hermenêutico da ortopraxis, aplicado aqui, está no plano do testemunho que verifica uma proposição ou afirmação religiosa. Ou seja, é o critério que está demonstrado pela própria conduta ou testemunho da pessoa que, na sua linguagem, afirma tal proposição religiosa. No caso da pesquisa

¹⁰¹ A Campanha da Fraternidade de 2000 foi ecumênica. A CNBB concedeu ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) a produção e divulgação do texto-base da Campanha da fraternidade ecumênica. Trazia o Tema: Dignidade Humana e Paz e o Lema: Novo Milênio Sem Exclusões. Participam do CONIC as seguintes Igrejas: Católica Apostólica Romana; Cristã Reformada; Episcopal Anglicana; Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; Metodista; Ortodoxa Siriana; e Presbiteriana Unida. No Objetivo geral desta Campanha da Fraternidade se encontra a proposta ecumênica de “Unir as Igrejas cristãs no testemunho comum da promoção de uma vida digna para todos, na denúncia das ameaças à dignidade humana e no anúncio do Evangelho da paz”. (Cf Texto-base , p. 18)

ecumênica, ao falar da experiência ecumênica, o próprio entrevistado afirma ou não o ecumenismo antropológico. Melhor ainda, a pessoa deve testemunhar a sua afirmação religiosa pela sua própria existência.

Juntamente com os dados das pesquisas, serão apresentadas as bases teológicas e pastorais da Arquidiocese de Goiânia para a compreensão e prática de um ecumenismo antropológico, desde Dom Fernando Gomes (1956 – 1985) até Dom Antonio Ribeiro de Oliveira (1985 ...).

3.2 – Uma Igreja Particular Com Características Eminentemente Pós- conciliar

Criada pela bula pontifícia Santíssima Christi Voluntas, em 26 de março de 1956, pelo Papa Pio XII, a Arquidiocese de Goiânia nasce dentro de um contexto histórico brasileiro da construção da nova Capital do Brasil, Brasília, e de um contexto eclesial pós Vaticano II em que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) começa a se organizar para assumir novos desafios no Brasil e no Centro-Oeste.¹⁰²

Aos 7 de março de 1957, Dom Fernando Gomes dos Santos é promovido a Arcebispo da Arquidiocese de Goiânia. Toma posse da nova Arquidiocese aos 16 de junho. No mês seguinte lança a revista da Arquidiocese que circula até hoje.¹⁰³

¹⁰² Igreja de Goiânia a Caminho: luzes para a Evangelização. 1998. p. 1

¹⁰³ Op. cit. p. 1

A definição do Concílio Vaticano II de Igreja como Povo de Deus deu uma grande abertura aos leigos (as) e criou a possibilidade de surgimento de vários ministérios leigos. A Igreja inteira atua no mundo, na sua catolicidade apostolólica, pelo sacerdócio comum dos fiéis. Os leigos, pelo batismo, são chamados à santidade e à perfeição para agirem no mundo e o transformarem por seu testemunho.¹⁰⁴

Cresce, após o Concílio Vaticano II, em toda a América Latina, especialmente no Brasil, um movimento de sensibilização social e uma mística de compromisso evangélico com os pobres, entre teólogos, Comunidades Eclesiais de Base e Pastores. Esse desencadeará no modelo de Igreja latino-americana de Igreja Profética e Libertadora e de Igreja comprometida com os pobres. Este novo modelo de Igreja foi implantado na Igreja Particular de Goiânia por Dom Fernando, juntamente com a defesa profética da justiça e da dignidade da pessoa humana. O lema episcopal de Dom Fernando: "Unidos a Jesus Cristo e aos irmãos, sem violência e sem medo" revela não somente um pastor, mas um profeta. E como tal, Dom Fernando dizia que "O poder-defesa-serviço tem a visão de uma Igreja que não pode fechar-se num acampamento sacral, reduzida a "igrejinha" ou "seita", mas aberta a horizontes indicados pelo Deus de Jesus Cristo."¹⁰⁵

104 Cf. LG 30 – 33, 40.

105 Dom Fernando. 1995. p. 32.

E ainda hoje a Arquidiocese reconhece:

“Além destas atitudes proféticas, a Arquidiocese de Goiânia, desde a década de 60, se colocou ao lado das famílias empobrecidas, marcando presença nas áreas de ocupações, na sua luta por moradia, educação, saúde, transporte coletivo e outros direitos. Para isto, Dom Fernando criou a Comissão Arquidiocesana de Justiça e Paz. Esta Comissão, sempre fiel aos ensinamentos da Igreja, tem sido o ponto de apoio, até hoje, para aqueles que procuram a Igreja para a defesa de seus direitos. Os agentes de Pastoral e animadores de comunidades, sobretudo na periferia das cidades e no campo, são constantes no acompanhamento às reivindicações sociais das comunidades e procuram ajudar a articulação do povo para que ele se torne sujeito de transformação social”¹⁰⁶.

Os resultados da pesquisa feita para esta dissertação apontam para um Ecumenismo e diálogo com o/a outro/a sinalizando mais atitudes e gestos do que propriamente a discussão teórica. As respostas obtidas estão sintetizadas no quadro a seguir por número de pessoas e por temáticas que delineiam um ecumenismo antropológico, gestado durante a implantação e organização da Arquidiocese de Goiânia.

A teologia popular no Brasil tem uma característica vivencial, prática. O ecumenismo, na Arquidiocese de Goiânia, não demonstra sinais de intelectualismo, mas é proposto nas ações conjuntas e, de modo especial, na vida comunitária.

Sempre em confronto com aqueles que concebem a sociedade como lugar dos privilegiados, Dom Fernando esclarece que certas pessoas “desejariam uma Igreja cuja missão fosse a de cuidar exclusivamente de uma religião imaginária, fora do tempo e do espaço. Uma espécie de freio ideológico que pretendesse camuflar a desordem moral, os crimes sociais e a corrupção cada dia mais generalizada: como entender uma Igreja cúmplice da injustiça,

106 Igreja de Goiânia a Caminho: luzes para a Evangelização. 1998. p. 14.

quando milhões de pessoas humanas estão oprimidas pela fome do pão, fome de verdade, fome de Deus?”¹⁰⁷

De 1960 a 1980, no período da ditadura militar, a Igreja no Brasil e na América Latina combateu fortemente a favor da democracia, dos direitos humanos, da liberdade de imprensa e da justiça social. Destacam-se, além de outras, as seguintes Arquidioceses brasileiras: Arquidiocese de São Paulo, Arquidiocese de João Pessoa, Arquidiocese de Olinda e Recife e a Arquidiocese de Goiânia. Ao assumir a defesa dos pobres e injustiçados a Igreja Católica se constituiu, neste período, num dos maiores pilares de luta contra a ditadura.¹⁰⁸

A Igreja Católica latino-americana foi uma das que mais deu impulso e andamento pastoral às propostas do Concílio Vaticano II. Exercendo grande liderança na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, desde a sua fundação, Dom Fernando organiza a Arquidiocese de Goiânia segundo o espírito do Vaticano II, de Medellín (1968) e de Puebla (1979) e configura, em conjunto com os Padres, Religiosos (as) e Leigos (as), o modelo Igreja – Comunidade. Neste modelo de Igreja encontram-se as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que são também conhecidas como “novo Jeito de ser Igreja”, onde os leigos desenvolvem o seu protagonismo.¹⁰⁹

Assim diz a Igreja de Goiânia:

107 Dom Fernando: Sem medo e sem violência. 1995. p. 32.

108 Para entender melhor sobre este assunto, verifique Otto Maduro em seu livro “Igreja e Luta de Classes” e o livro “Brasil, Nunca Mais”, Dom Paulo Evaristo Arns (org.).

109 Cf. Puebla 641

“A Igreja de Goiânia está em comunhão com a Igreja Universal, e procura ser fiel à sua própria história, marcada por oito Assembléias Arquidiocesanas. Desde o começo de sua caminhada como Igreja Particular, nossa Arquidiocese optou por ser uma Igreja que se estrutura no espírito das Comunidades eclesiais de Base.... As CEBs trouxeram vida nova à Igreja, criaram novo entusiasmo e esperança de mudança eclesial e social, devolvendo ao povo mais pobre e excluído sua dignidade de gente e de filhos de Deus. Verdadeiramente para nós, aqui na América Latina, significaram algo novo, a esperança do início da realização histórica e concreta da utopia do Reino, além do sonho de um novo jeito de ser Igreja”.¹¹⁰

A tônica central do Vaticano II era o diálogo da Igreja com o mundo, com a ciência, com os Meios de Comunicação Social, com as religiões cristãs e não-cristãs. A Igreja de Goiânia vem se organizando, a partir de 1960 e com base nos Planos de Pastoral da CNBB, com estas mesmas características e de maneira que a evangelização e a ação pastoral sejam realizadas de modo conjuntos entre bispo, padres e leigos. Esta forma de ação pastoral adquire, em todo o Brasil e na Arquidiocese de Goiânia, o nome de Pastoral Orgânica ou de Conjunto, em que as decisões e ações evangelizadoras são todas planejadas e organizadas de modo conjunto nas reuniões, nas assembléias e no processo de operacionalização dos planos de pastoral, ou seja daquilo que foi decidido.

Segue o que diz a própria Arquidiocese de Goiânia:

110 Igreja de Goiânia a Caminho: luzes para a Evangelização.1998. p. 31.

“Outra dimensão pastoral nascida, sobretudo, a partir dos Planos de Pastoral da CNBB, exigência do Concílio Vaticano II, tem sido a Pastoral Orgânica ou de Conjunto. Ela foi crescendo, inicialmente através das Reuniões do Clero, mais tarde transformadas em Reuniões Mensais de Pastoral, toda segunda 5ª.-feira do mês. Dom Fernando instituiu dois grandes encontros anuais de toda a Arquidiocese, nas solenidades de Pentecostes e de Cristo Rei. Desses encontros, surgiu a caminhada comum das Assembléias Arquidiocesanas, iniciada em 1977, caminhada que já chega à 8ª Assembléia, vivida e celebrada em 1996. As Assembléias foram crescendo no espírito de construção comum. Hoje elas envolvem, na sua preparação, realização e conseqüentes desdobramentos e aplicação, as comunidades, as paróquias, as Regiões Pastorais, enfim, a Arquidiocese inteira”.¹¹¹

É neste cenário arquidiocesano formado ao longo de 40 anos que se pode perceber a abertura ao diálogo e ao ecumenismo. São os próprios leigos e as Comunidades (CEBs) que, inspirados na abertura teológica e pós-conciliar de seus pastores Dom Fernando e de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira , dão hoje a resposta ecumênica de uma Igreja dinâmica e participativa.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em sua 37ª. Assembléia Geral, lançou as Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE 1999–2002) nas quais afirma que as exigências intrínsecas da ação evangelizadora são o Serviço, o Diálogo, o Testemunho e o Anúncio. Fundamentando, com os Documentos Eclesiásticos, a sua compreensão sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, a Igreja de Goiânia cita também a mais

111 Op. cit. 1998. p. 8.

Mereceriam uma apreciação especial: a) As assim chamadas estruturas arquidiocesanas: a Sociedade Goiana de Cultura e suas mantidas, dentre elas a Universidade Católica de Goiás, fundada em 1959 por Dom Fernando e o Instituto Dom Fernando, fundado em 1995 por Dom Antônio. Obras que além de ajudar no desenvolvimento social de Goiás, também ajudam na formação educacional e do respeito ao meio ambiente fundada sob orientação ética, cristã e ecumênica; b) A organização pastoral da Arquidiocese de Goiânia, impulsionada pela compreensão de Dom Antônio de descentralização, de dinamização, de comunhão e participação: As Comissões e Equipes Arquidiocesanas, dentre elas a Equipe de Ecumenismo, as estruturas de serviço como as Comissões e Equipes Arquidiocesanas, dentre elas a Equipe de Ecumenismo e os Conselhos Pastorais, as estruturas de serviço como as Redes de Comunidades e Regiões Pastorais. Todas dinamizadas e participativas .

nova compreensão do discurso ecumênico, o macroecumenismo: ‘Há quem não goste da distinção entre ecumenismo e diálogo inter-religioso. Preferem um termo só – macro-ecumenismo, pois entendem que o verdadeiro ecumenismo congrega mais do que as Igrejas cristãs’.¹¹²

O critério fundamental para o ecumenismo na Arquidiocese de Goiânia se dá pela atitude evangélica da solidariedade aos irmãos, sobretudo aos mais pobres. A preocupação ecumênica se entrelaça com a preocupação evangelizadora integral, com a formação dos ministérios leigos, a revisão das estruturas de serviço, com a formação para o diálogo e o ecumenismo.¹¹³

A Arquidiocese de Goiânia tem um rosto social com características bem definidas. Sempre que está nas reportagens jornalísticas ou televisivas representa a voz de toda a Igreja Católica com a opção evangélica a favor dos excluídos. A pesquisa mostra claramente o rosto eclesial desta Igreja. Portanto, será utilizada para mostrar este rosto, uma abordagem analítica em forma de apresentação de cenários da Igreja de Goiânia.

112 Op. cit. 1998. p. 23.

113 Citamos aqui o que diz a Igreja de Goiânia sobre a sua ação evangelizadora. Esta compreensão é a compreensão do ecumenismo antropológico: “Desta forma, o incentivo aos ministérios confiados aos leigos. A formação para o diálogo e o ecumenismo e a revisão das estruturas de serviço, em nível social, devem mobilizar toda a Igreja de Goiânia para uma grande ação evangelizadora. Assim como deve ser a preocupação de todos o incentivo e multiplicação das CEBs e, a exemplo de Jesus Cristo, toda e qualquer atividade na Arquidiocese de Goiânia terá os pobres, os excluídos de hoje, como ponto de referência básico. A visão e a ação pastorais partirão sempre da ótica dos excluídos.” Cf. Igreja de Goiânia a Caminho: luzes para a Evangelização. 1998. p. 26.

3.2.1 – Cenário do Pluralismo Religioso

A teologia ecumênica elaborada por Hans küng tem a preocupação de buscar uma compreensão das várias religiões e não somente a compreensão das religiões cristãs. Küng afirma que religiões não são monumentos históricos que só podem ser estudados e compreendidos por peritos sábios e com base nos textos. São atitudes vivas de fé, sempre vividas de novo no fluir da história, por homens de carne e osso. Por isso não se devem interpretar para frente. Estão abertas a novas questões e, por sua vez, abrem problemas novos.

Compreender estas atitudes de fé nos agentes de pastoral da Arquidiocese não é questão difícil. É sabido que a fé deve estar ligada com a vida. A pergunta elaborada na pesquisa sobre experiências ecumênicas é uma pergunta simples, que, em si, não deixa muita margem para teorização. A compreensão ecumênica dos (as) entrevistados (as) tem como ponto de partida a fé cristã, mas uma fé vivida em espírito comunitário, num momento histórico concreto, com uma realidade social de exclusão e num sistema de poder globalizado e neo-liberal. O próprio Hans küng vê o ecumenismo sob o ponto de vista prático. Ou seja, o ecumenismo passa pelo antropológico, pela experiência vivida mais do que por meros conceitos, idéias, sistemas:

“Apesar de todas as comparações e dos esforços em prol da compreensão das outras religiões, como de um cristianismo realmente ecumênico, não se pode perder de vista uma coisa: trata-se mais de homens, com suas experiências vivas, do que de meros conceitos, idéias, sistemas”.¹¹⁴

114 KÜNG, Hans. 1976. p. 95.

Alguns teólogos que escreveram sobre o ecumenismo chamam de “ecumenismo prático” e/ou “ecumenismo de base” ao que chamamos aqui de ecumenismo antropológico. Elias Wolff, um desses teólogos, ao falar deste ecumenismo chama a atenção para o perigo de serem relativizadas e ignoradas as diferenças eclesiais e teológicas entre as Igrejas cristãs¹¹⁵, quando se trata de “agir juntos” ou que a ação por si só é ecumênica.

Marcelo Barros, outro teólogo que escreve sobre o ecumenismo, antes de falar de perigo da relativização das diferenças teológicas afirma que o “verdadeiro ecumenismo é maior que o ecumenismo restrito às Igrejas, como as Igrejas o compreendem”.¹¹⁶ Afirmar, segundo Barros, que Deus se revela também através da sabedoria contida em outras religiões e credos, “não diminui em nada o apreço e estima pela expressão própria da fé cristã, mas a amplia”.¹¹⁷ Portanto, na amostragem da pesquisa, conforme Quadro I a seguir, espontaneamente vão aparecendo às designações religiosas mais diversificadas sem que se possa dizer que há riscos de relativização teológica. São relatos de experiências de fé que se tornam ecumênicas pelo apelo existencial e pelo sentido antropológico de vivência grupal e comunitária, além da demonstração clara de trabalhos ecumênicos concretos como é o relato citado na Pesquisa I sobre a Pastoral da Criança e contra a violência policial:

115 Segundo Elias Wolff, o ecumenismo de base ou ecumenismo prático é um ecumenismo praticado a partir da finalidade de transformação das realidades sociais injustas que não condizem com a mensagem cristã. O próprio Elias Wolff considera válido tal concepção ecumênica, porém, propõe para este tipo de ecumenismo uma fundamentação teológica baseada no conteúdo do Kerigma. Cf. WOLFF, Elias. 1999. p. 106-107.

116 Cf. 1ª ASSEMBLÉIA DO POVO DE DEUS. Manifesto. p. 1.

117 BARROS, Marcelo. 1997. p. 84–85.

“Contra a violência policial – uma mulher da Igreja Adventista juntou forças comigo. Na Pastoral da Criança – uma líder da Igreja Deus é Amor participa de tudo. Vizinhos nos dois lados pertencem à Igreja Batista – combinamos bem”.

Quadro I
Religiões citadas no relatório das experiências sobre ecumenismo na Arquidiocese de Goiânia – Pesquisa I

RELIGIÕES	Nº DE VEZES
Assembléia de Deus	25
Primeira Igreja Batista	10
Igreja Luterana	09
Presbiteriana	09
Espírita	09
Igreja Metodista	05
Igreja Adventista	04
Igreja Universal	04
Candomblé	03
Igreja de Cristo	03
Igreja Anglicana	03
Deus é Amor	03
Igreja Cristã no Brasil	03
Congregação Cristã no Brasil	02
Comunidade de Taizé	02
Primeira Igreja de Cristo	02
Igreja Pentecostal	02
Umbanda	02
Testemunhas de Jeová	02
Igreja de Deus	01
Budismo	01
Kalinas, Marchiveri, Kaxinanã (índios)	01
Comunidade Cristã Evangélica	01
Igreja Batista Renovada	01
Judeus	01
Ortodoxos	01

Fonte: Arquidiocese de Goiânia

Além do quadro acima apresentado, há ainda uma outra referência de uma segunda pesquisa da Arquidiocese de Goiânia que mostra, de modo também espontâneo, a citação de diversas religiões na prática ecumênica antropológica e a convivência pacífica entre as mesmas. Abaixo é apresentado um relato de uma experiência ecumênica da Região Pastoral Norte da Arquidiocese de Goiânia em que se encontram citadas três religiões: Católica, Assembléia e Presbiteriana.

Cássia (Morro do Além) – “A família de dois catequizandos é uma família ecumênica. A mãe se autodenomina cristã e frequenta várias Igrejas: Católica, Assembléia, Presbiteriana, mas oferece a liberdade para os filhos escolherem as suas. A família apesar de não ter uma religião definida tem um dia da semana para estudar o Evangelho. Os gestos de carinho e acolhida na casa da família com as visitas são muito maior do que nas casas de família com religião definida, seja Católica ou Evangélica. A participação das crianças também é muito maior do que outras que são católicas”.

Uma pequena história ecumênica do Bairro Santo Hilário, Região Pastoral Dom Fernando da Arquidiocese de Goiânia, também retrata esse mútuo respeito entre as religiões. Além do respeito, percebe-se que a prática ecumênica está voltada para a acolhida e a solidariedade:

“A minha história é uma história simples e que me marcou. Na nossa comunidade de CEBs um dia uma vizinha me falou que tinha uma irmã nossa, mas era da Igreja Batista, mas queria que rezássemos na sua casa. Nós nos reunimos nesta casa. Foi uma experiência muito boa. Onde nós pedimos a ela dona da casa que falasse e ela nos agradeceu muito e a Deus por esta oportunidade de nos encontrarmos e agradecer juntos a este Deus da Vida, cada um do seu jeito mas unidos no mesmo amor, no mesmo Espírito. E também ficamos sabendo que esta família estava passando por dificuldades financeiras. A comunidade reuniu e procuramos se ela aceitava a nossa ajuda financeira. Ela aceitou. Fizemos uma campanha onde cada um doou um pouco do que tinha e levamos a ela que ficou muito feliz. Nós nos sentimos muito mais felizes em poder partilhar com esta família que é nossa irmã e em poder ajudá-la tanto com o pão material quanto com o espiritual. Sabemos que a nossa fé aumenta a partir do momento em que nos”. unimos a orar e a ação, e que forma esta palavra oração. E neste dia nós não sabíamos que em nossa comunidade tão pequena estava acontecendo o ecumenismo. (Maria Dantas).

Um segundo quadro de amostragem sobre a diversidade de religiões citadas na segunda pesquisa, denominada Relatos de Experiências Ecumênicas das Regiões Pastorais da Arquidiocese de Goiânia, é apresentado aqui para ressaltar a convivência pacífica nas experiências ecumênicas antropológicas.

Quadro II

Religiões citadas nos relatórios sobre ecumenismo nas regiões pastorais da Arquidiocese – Pesquisa II.

REGIÃO NORTE	REGIÃO CANAÃ
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Encontros com pastores 05 ◆ Assembléia de Deus 02 ◆ Presbiteriana 01 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Assembléia de Deus 01 ◆ Igreja Batista 01
REGIÃO SUL I	REGIÃO ALTO DA POEIRA
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Contato com evangélicos 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Igreja do Sétimo Dia 02 ◆ Contato com Evangélicos 03 ◆ Luterana 01
REGIÃO SUL II	REGIÃO LESTE
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Assembléia de Deus 02 ◆ Contatos com Evangélicos 07 ◆ Adventista 01 ◆ Hare Crishina 01 ◆ Assembléia de Deus 02 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Contatos com Evangélicos
REGIÃO PAI ETERNO	REGIÃO DOM FERNANDO
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Budista 01 ◆ Contato com Evangélicos 05 ◆ Espíritas 01 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Testemunha de Jeová 01 ◆ Igreja Batista 01 ◆ Espírita 01 ◆ Contato com Evangélicos 01

Fonte: Arquidiocese de Goiânia

O Pluralismo religioso como fenômeno social aparece até mesmo entre os que se dizem secularizados. A experiência religiosa ultrapassa os séculos e os milênios e aparece hoje “travestida” por meio de símbolos secularizados,¹¹⁸ como diz Rubem Alves. Não há como negar o pluralismo religioso. Ele está presente em todas as camadas e classes sociais. E o mundo globalizado não somente permite as conexões econômicas e tecnológicas, mas também as conexões religiosas. A religião deve ser percebida como elemento sutil, disfarçado, que se constitui num fio de que se tece o cotidiano, conforme Rubem Alves:

“É fácil identificar, isolar e estudar a religião como comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes. Mas é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do cotidiano. A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que nos vemos. Aqui a ciência da religião é também ciência de nós mesmos: sapiência, conhecimento saboroso”.¹¹⁹

Uma das questões que poderia justificar a existência do pluralismo religioso é a busca interior da humanidade para o sentido da existência, para o sentido da vida. O pluralismo religioso é fato social, não há como negar. O que se busca então, é como podem conviver num mesmo espaço social diferentes concepções religiosas? Este primeiro cenário religioso que a pesquisa científica desta dissertação aponta na Arquidiocese de Goiânia, sobre o ecumenismo antropológico, permite a existência de um segundo, que é justamente a vontade,

118 ALVES, Rubem. 1.999. p. 12.

119 Op. cit. p. 13

a necessidade do encontro e da superação das diferenças nas convivências e lidas do dia a dia e de como enfrentar o grande problema da exclusão social promovido pelo sistema neo-liberal.

3.2.2 – Cenário das Ações de Fé e Compromisso Social

Alguns dos imperativos categóricos da consciência ética contemporânea devem ser elencados aqui para a compreensão deste cenário religioso ecumênico apresentado na prática ecumênica da Arquidiocese de Goiânia. É o cenário das ações de fé e compromisso social: a luta contra a fome, contra a violência, contra o analfabetismo, contra a falta de moradia, contra a falta de respeito pela dignidade humana e pela paz, contra a falta de saúde e outros. Todos esses imperativos éticos perpassam não somente a sociedade bem como a religião. Especificamente a religião cristã, porque esta os compreende como prioridade evangélica. No Evangelho de João capítulo 10, versículo 10 lê-se: “Eu vim para que todos tenham vida e atenham em abundância”.

“Às vezes me parece que o diálogo inter-religioso corre o risco de ficar um pouco estreito: discussão entre as religiões e sobre a religião, isto é, sobre elas mesmas. Um olhar voltado para dentro, enredando-se nos detalhes das diferenças. Quantos relatórios de diálogos entre credos religiosos não se esgotam na análise recíproca das doutrinas, dos ritos, das organizações e das práticas internas, sem levar em conta os problemas comuns que deveriam enfrentar na sociedade... Hoje poderíamos dizer que o que fundamentalmente nos convoca é a salvação do planeta e da pessoa humana”.¹²⁰

120 SOUZA, Luiz Alberto Gomes de. In TEIXEIRA, Faustino. 1997. p. 22-23.

Neste sentido de salvação da pessoa humana e preocupação de libertação dos males sociais a pesquisa ecumênica da Arquidiocese de Goiânia revela uma extensa relação de práticas ecumênicas antropológicas. Essa demonstração da prática ecumênica referida pelos (as) agentes de pastoral e pelas CEBs tem sua raiz na doutrina do Vaticano II e na implantação e condução da Igreja de Goiânia aberta ao outro (a) como seguimento radical de vivência comunitária do Evangelho.

Os resultados da pesquisa feita para esta dissertação apontam para um Ecumenismo e diálogo com o/a outro/a sinalizando mais atitudes e gestos do que propriamente a discussão teórica. As respostas obtidas estão sintetizadas nos quadros a seguir por número de pessoas e por temáticas que delineiam um ecumenismo antropológico, gestado durante a implantação e organização da Arquidiocese de Goiânia.

Quadro III

**AMOSTRAGEM, POR NÚMERO DE PESSOAS, DAS
RESPOSTAS SOBRE EXPERIÊNCIAS ECUMÊNICAS NA
ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA – PESQUISA I**

	TIPOLOGIA DAS RESPOSTAS POR NÚMERO DE PESSOAS	Nº. DE RESPOSTAS
1	Experiências antropológicas. Participações: CEBI, pastoral, Romaria da Terra, Pastoral da Criança, CEBS.	124
2	Cerimônias, celebrações fora e dentro.	38
3	Experiência entre membros da família	38
4	Opiniões diversas: desunião, amizade, respeito, discernimento.	24
5	Reuniões ecumênicas, encontros, cursos.	23
6	Partilha de experiências das Igrejas.	21
7	Definição: união das Igrejas.	17
8	Ensino religioso, educação, alfabetização.	16
	TOTAL	301

Fonte: Arquidiocese de Goiânia

O quadro seguinte é a amostragem de uma síntese da dimensão antropológica que a pesquisa demonstrou. E nesta dimensão antropológica estão as ações ecumênicas práticas dos (as) agentes de pastoral e das CEBs. Igrejas e pessoas de várias religiões que se unem para a busca incansável da Vida.

Quadro IV

Resultado temático obtido com as experiências ecumênicas da Arquidiocese de Goiânia – Pesquisa I.

Temática	Respostas

ERROR: syntaxerror
OFFENDING COMMAND: --nostringval--

STACK:

/hfDef42CID
/